



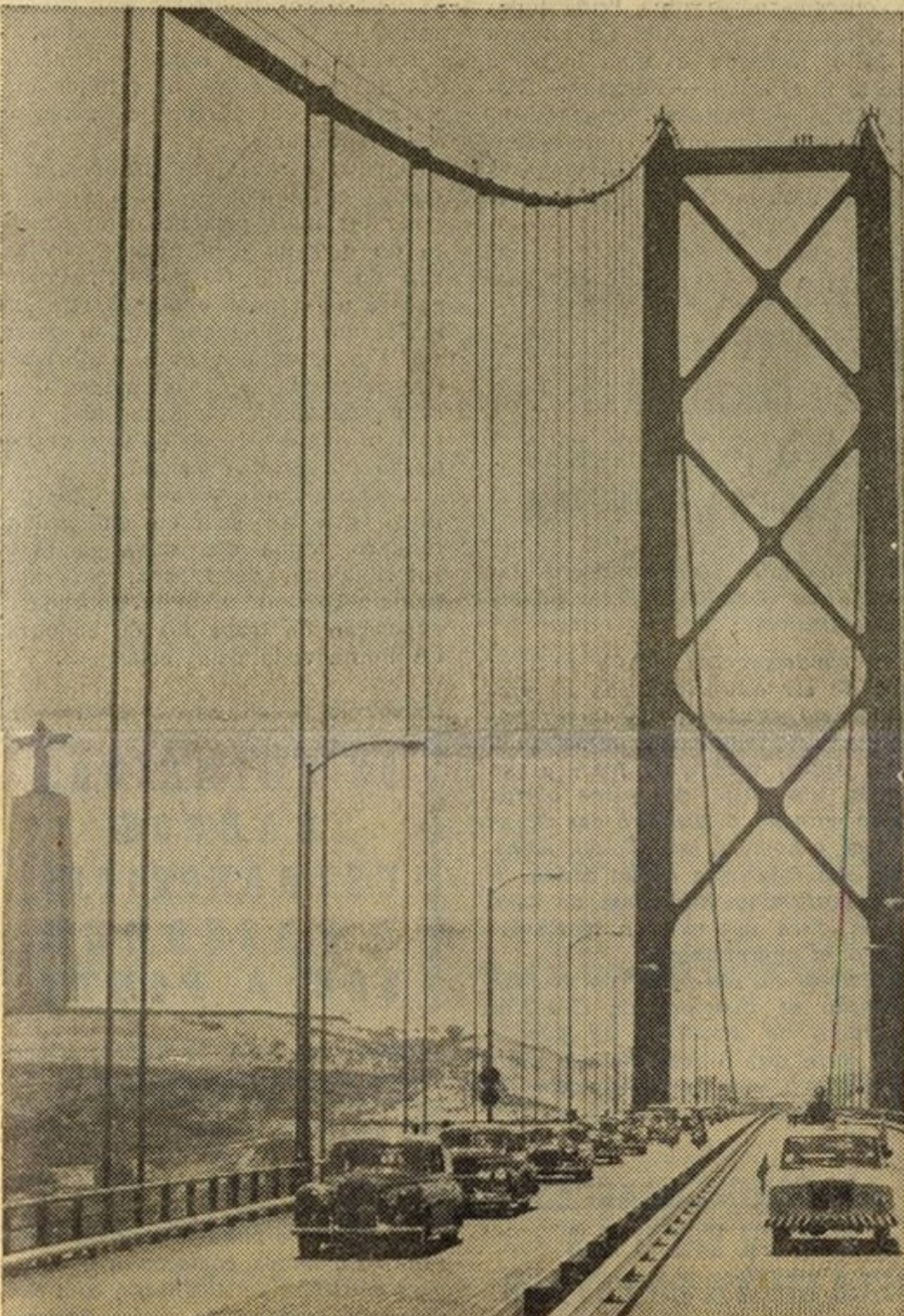
DIÁRIO DA MANHÃ

DIRECTOR: BARRADAS DE OLIVEIRA

EDITOR: ANTÓNIO DA FONSECA

PROPRIEDADE DA
COMPANHIA NACIONAL EDITORA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
E OFICINAS
RUA DA MISERICÓRDIA, 95
TELEFONE 3 07 37
ENDEREÇO TEL. «DAMANHA»

O PRESIDENTE AMÉRICO THOMAZ NA PRAÇA DA PORTAGEM ATINGIDO O MOMENTO CULMINANTE DESTA SOLENÍSSIMA INAUGURAÇÃO DOU GRAÇAS A DEUS E DECLARO ABERTA AO TRÁFEGO E POSTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO A PONTE SALAZAR



O CORTEJO PRESIDENCIAL ATRAVESSA A PONTE SALAZAR

A ORAÇÃO DA BÊNÇÃO PROFERIDA PELO CARDEAL- -PATRIARCA

NO momento da bênção, o Cardeal-Patriarca de Lisboa proferiu a seguinte oração:

Ouvi Senhor a nossa oração. Dignai-vos abençoar esta ponte e a todos quantos por ela passarem, para que acompanhados da Vossa protecção tenham sempre feliz viagem e sejam livres de todos os perigos.

Ouvi Senhor, Senhor Santo, Pai Omnipotente e Deus Eterno. Enviai do Céu o Vosso Santo Anjo para que guarde esta ponte e acompanhe e defenda de todo o mal os que passarem por ela.

«ATINGIDO o momento culminante desta soleníssima inauguração, dou graças a Deus e declaro aberta ao tráfego e posta ao serviço da Nação a Ponte Salazar.»

Portugal encontrava-se ali presente em corpo e em espírito. Poucas vezes terá acontecido uma tão autêntica convergência entre homens que falam a mesma língua e se orgulham de um passado comum. Poucas vezes aconteceu uma tão verdadeira unanimidade na satisfação por se ter alcançado o mesmo objectivo. O sonho transformara-se em realidade.

Eram 12 e 52 do dia de ontem — 6 de Agosto de 1966 — quando o Chefe do Estado anunciou à Nação a abertura ao tráfego da Ponte Salazar, que passa a unir as duas distantes margens de um dos maiores estuários do Mundo. A partir daquele momento estava concluída uma das mais grandiosas obras de engenharia do nosso século.

Não era apenas Portugal que ali se encontrava presente. Era o Mundo, eram homens das mais diferentes etnias, falando as mais diferentes línguas, representando os mais diferentes sectores da vida pública dos países a que pertencem. Ministros europeus e americanos, presidentes de municípios de cidades distantes, jornalistas dos maiores órgãos de informação internacional. Era o Mundo que ali se encontrava presente para assistir à inauguração da Ponte Salazar.

Sob as bênçãos de Deus e o olhar dos homens

O morro onde se ergue o Monumento a Cristo-Rei e o monte onde se destaca a Igreja do Pragal foram os pontos escolhidos pelo povo — por aquele povo para o qual a ponte foi construída — para assistir ao acontecimento. Dois pontos, dois locais sagrados. Dois locais habitados por Deus. Não deixa de ter significado esta escolha espontânea da gente humilde de Portugal. A Ponte Salazar, ao abrir as suas portas, tinha a abençoá-la dois altares onde o povo reza e que na sua simplicidade escolheu para presenciar o grande acontecimento. A Ponte Salazar abria assim as suas portas sob as bênçãos de Deus e as orações do povo.

Três horas antes da cerimónia já centenas de pessoas se encontravam no largo da portagem

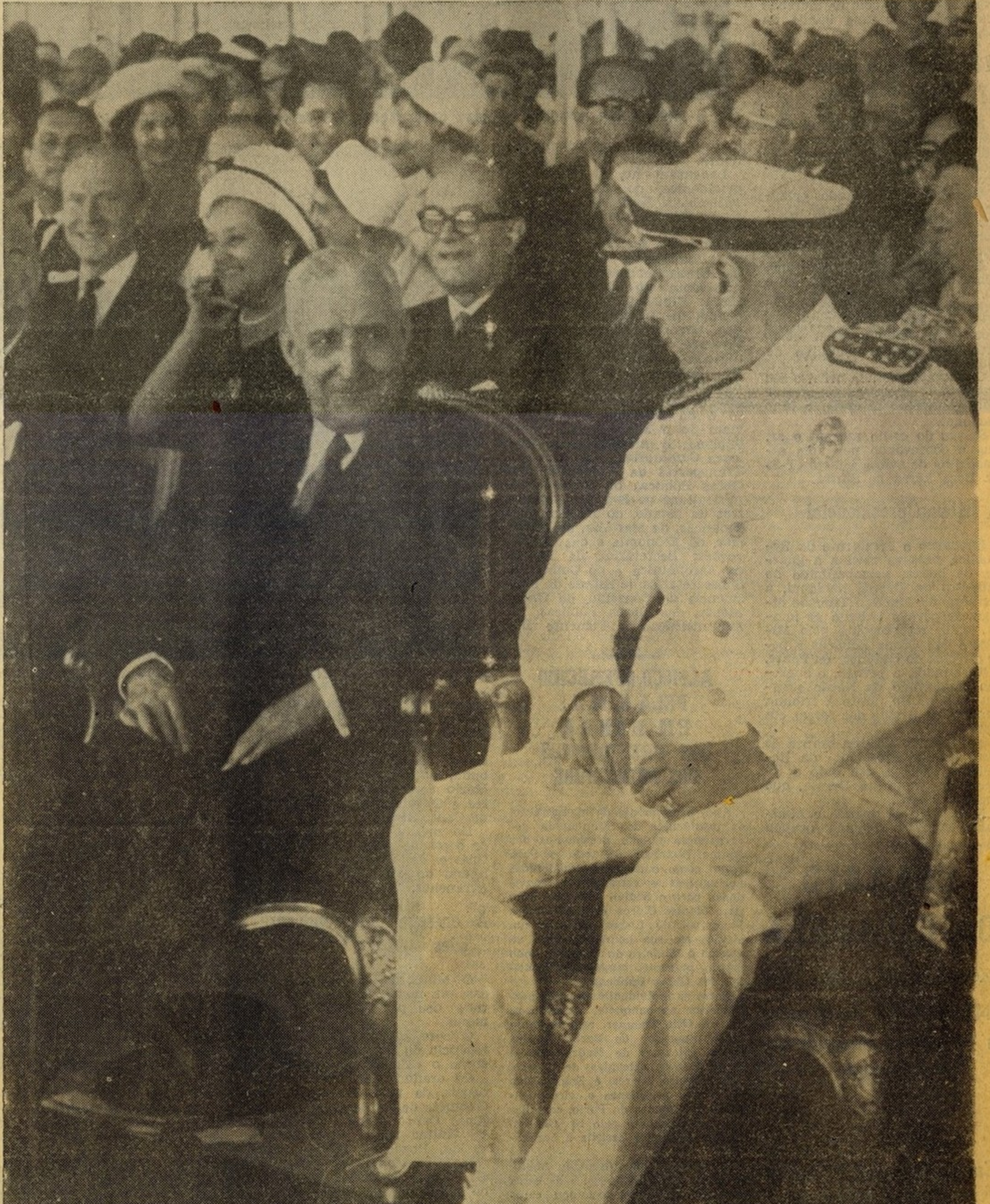
Cinco tribunas erguiam-se no vasto largo da portagem. Ao centro, a tribuna presidencial. Dos lados duas cobertas e outras duas descobertas.

Bandeiras e flâmulas tremulavam à brisa suave da manhã encharcada de sol.

O laranja era a cor predominante nas ornamentações. Igual à pintura da ponte. Nos morros circunvizinhos, ainda não eram 8 horas — quase três horas antes de começar a cerimónia — já muitas dezenas de pessoas haviam ocupado os melhores lugares para assistir à inauguração.

Na ponte e seus acessos executavam-se os últimos trabalhos. No rio, as embarcações engalanadas competavam o ambiente de festa que desde o raiar do dia se respirava nas duas margens. Nos acessos da margem norte uma «bicha» ininterrupta de veículos com convidados, estendia-se numa extensão de algumas dezenas de metros.

Os lisboetas ocupavam à medida que se aproximava a hora do início da cerimónia, os altos



O ROSTO DE SALAZAR E O ESPELHO DA ALEGRIA DOS PORTUGUESES

das colinas, de onde se avista a ponte, para dali assistirem, de binóculo em punho, a todo o acontecimento.

Chegam as primeiras individualidades

Os primeiros convidados oficiais começaram a chegar à Praça da Portagem, às 8 horas.

Já ali se encontrava o director do Gabinete da Ponte, Eng.º Canto Moniz, que a todos e a tudo, incansavelmente atendia. Recebia os convidados, esclarecia os jornalistas, dirigia a cerimónia. Através da rádio, estava em permanente comunicação, mesmo no decorrer da cerimónia, com o subdirector da ponte e com todos os carros do Gabinete.

Já na tribuna de honra se encontravam muitas individualidades, designadamente o Eng.º Leitão Pinto e o Almirante Lopes Alves, quando tomaram lugar na Praça da Portagem as repre-

FRANCO FELICITA O PRESIDENTE AMÉRICO THOMAZ

POR motivo da inauguração da ponte sobre o Tejo, o Generalíssimo Franco dirigiu ao almirante Américo Thomaz o seguinte telegrama:

Ao inaugurar-se a grandiosa obra da ponte sobre o Tejo, envio a V. Ex.ª as minhas mais entusiásticas felicitações.

sentações das instituições e organismos que iam participar na cerimónia.

Da ponte para a tribuna de honra, em frente das tribunas laterais e formando duas alas viam-se filiados da Mocidade Portuguesa, escuteiros, alunos da Casa Pia de Lisboa, filiais da Mocidade Portuguesa Feminina, uma deputação de alunos da Academia Militar, representantes de todos os Municípios da Metrópole e do Ultramar, e os operários que participaram na construção da ponte.

Do lado direito da tribuna presidencial, via-se ainda uma representação de bombeiros voluntários de Almada.

Entretanto chegavam mais convidados, designadamente o General França Borges, presidente do Município de Lisboa, e, às 9 e 20, o conde de Barcelona, com a esposa e filhas.

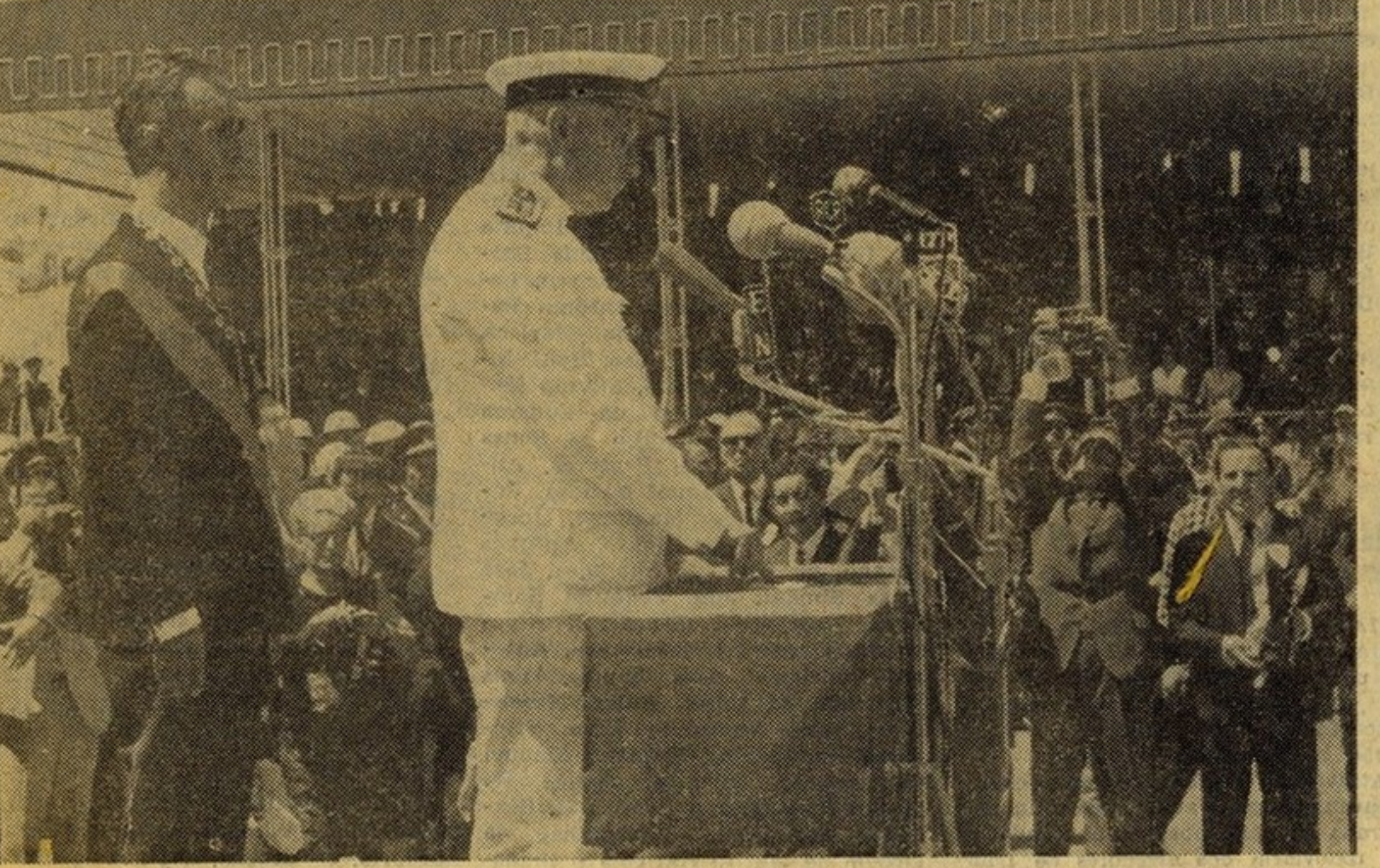
As 9 e 50 desce do automóvel que o conduziu até à Praça da

LÁPIDA COMEMORATIVA

É do seguinte teor a lápida da ponte sobre o Tejo, colocada junto ao pilar, na Avenida da Índia:

«A Ponte Salazar foi inaugurada em 6 de Agosto de 1966 pelo Presidente da República Contra-Almirante Américo Thomaz, sendo Presidente do Conselho o Doutor António de Oliveira Salazar e Ministro das Obras Públicas o Engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira. Lançou a bênção a obra o Cardeal-Patriarca de Lisboa Estiveram presentes na cerimónia inaugural o Presiden-

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)



O CHEFE DO ESTADO INAUGURA A PONTE, TENDO A SEU LADO O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

INAUGURADA A PONTE SALAZAR

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.ª)

Portagem, o Cardeal-Patriarca de Lisboa, acompanhado do Arcebispo de Milene e dos seus fámulos: D. João de Castro, cônego António Gonçalves Pedro, Mons. Honorato Monteiro e beneficiado Eugénio dos Santos.

O Cardeal-Patriarca, após receber os cumprimentos das individualidades presentes, ocupa o seu lugar, num cadeirão colocado em lugar de destaque, ao lado direito da primeira fila.

Os primeiros aplausos da multidão

Os primeiros aplausos da multidão foram para os rapazes da Mocidade Portuguesa, que minutos antes das 10 horas, desfilaram ao som da banda dos filiados do Centro da Casa Pia, até aos lugares que lhes estavam destinados.

Os mil e quinhentos filiados daquela Organização, que estão a participar no VII Acampamento Nacional, transportando guiões de todas as alas da M.P. da Metrópole e do Ultramar, foram o primeiro momento alto do dia de ontem.

Pouco depois chegava a guarda de honra: um batalhão misto dos três ramos das Forças Armadas, constituído por quinhentos homens e comandado por um oficial da Marinha: o Capitão-Tenente Loureiro Barbosa.

A frente marchava a Marinha, seguida do Exército e da Força Aérea, ao som de marchas executadas por uma banda da Armada.

A hora prevista chega o Chefe do Estado

Eram 10 e 20 quando ali chegou o Ministro das Obras Públicas, seguido, dois minutos depois, do Presidente do Conselho.

Vibrantes e prolongados aplausos são dirigidos ao Prof. Doutor Oliveira Salazar que, entretanto, recebe os cumprimentos das individualidades presentes.

Helicópteros da Força Aérea sobrevoam o local e, às 10 e 30, conforme estava estabelecido, o Presidente da República dá entrada na Praça da Portagem, sendo o seu carro precedido de um batalhão de motocicletas.

O Chefe do Estado deixa o seu automóvel junto à guarda de honra, ouvindo-se então o hino nacional.

Salvas do estílo rasgam o ar, que é sobrevoado por uma esquadilha de aviões a jacto «T-2» da Base Aérea de Sintra.

A tribuna presidencial

Enquanto o Presidente da República passava revista à guarda de honra, acompanhado do Ministro da Defesa Nacional, a senhora de Américo Thomaz dirigiu-se para a tribuna de honra, onde foi recebida pelo Ministro das Obras Públicas e pelo director do Gabinete da Ponte.

Terminada a revista, o supremo magistrado da Nação assistiu dum plinto, junto à tribuna central, ao desfile das forças em parada.

Envergando a farda branca de almirante, o Presidente da República tinha a seu lado o titular da pasta da Defesa, que trazava a civil.

Eram 10 e 45 quando o Almirante Américo Thomaz ocupou

COLÉGIO DA CIDADELA

CASCAIS — Tel. 281905 — PPC

INTERNATO ideal para a formação integral da Juventude

Cursos Infantil, Primário Lical e Artístico

ACADEMIA DE ARTE DE CASCAIS

(em organização)

Rua Dr. A. Dias Pinheiro — Telef. 28 19 05

CASCAIS

CURSOS DO CONSERVATÓRIO NACIONAL DE MÚSICA — ARTE DE DIZER E BALLET

(Sexos Masculino e Feminino)

Horários combinados com o COLÉGIO DA CIDADELA para frequência dos cursos infantil, primário e liceal, junto ao mesmo edifício, com preços acessíveis

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: COLÉGIO DA CIDADELA Tel. PPC 28 19 05



O PRESIDENTE AMÉRICO THOMAZ CONDECOROU OS TÉCNICOS E OS OPERÁRIOS DA PONTE

o seu lugar na tribuna de honra.

Ladeavam-no, à direita, os presidentes do Conselho, da Assembleia Nacional e do Supremo Tribunal de Justiça; vice-presidente do Conselho de Ministros de Espanha, Ministros dos Transportes da Áustria e das Obras Públicas de Espanha; presidente do Export Import Bank; Ministros da Defesa Nacional, da Justiça, do Exército, dos Negócios Estrangeiros, da Educação Nacional, das Comunicações e da Saúde e Assistência; Secretários de Estado da Agricultura e da Indústria; Subsecretários de Estado do Tesouro e do Exército. À esquerda viam-se o Ministro das Obras Públicas, o presidente da Câmara Corporativa; Ministros dos Transportes da Alemanha, das Obras Públicas do Brasil e da Agricultura de Espanha; Ministros de Estado, do Interior, das Finanças, da Marinha, do Ultramar, da Economia e das Corporações; Secretários de Estado da Aeronáutica e do Comércio; Subsecretários de Estado da Presidência do Conselho, do Orçamento, das Obras Públicas, da Administração e Fomento Ul-

tramarinos, da Administração Escolar e da Juventude e Desportos.

A esposa do Chefe do Estado encontrava-se à esquerda da tribuna, ladeada pelas senhoras de Mário de Figueiredo, de Arantes e Oliveira, de José Osório e de Canto Moniz.

Do mesmo lado e em lugar de destaque sentava-se o Sr. D. Duarte de Bragança, acompanhado do conde de Almada e Avanches.

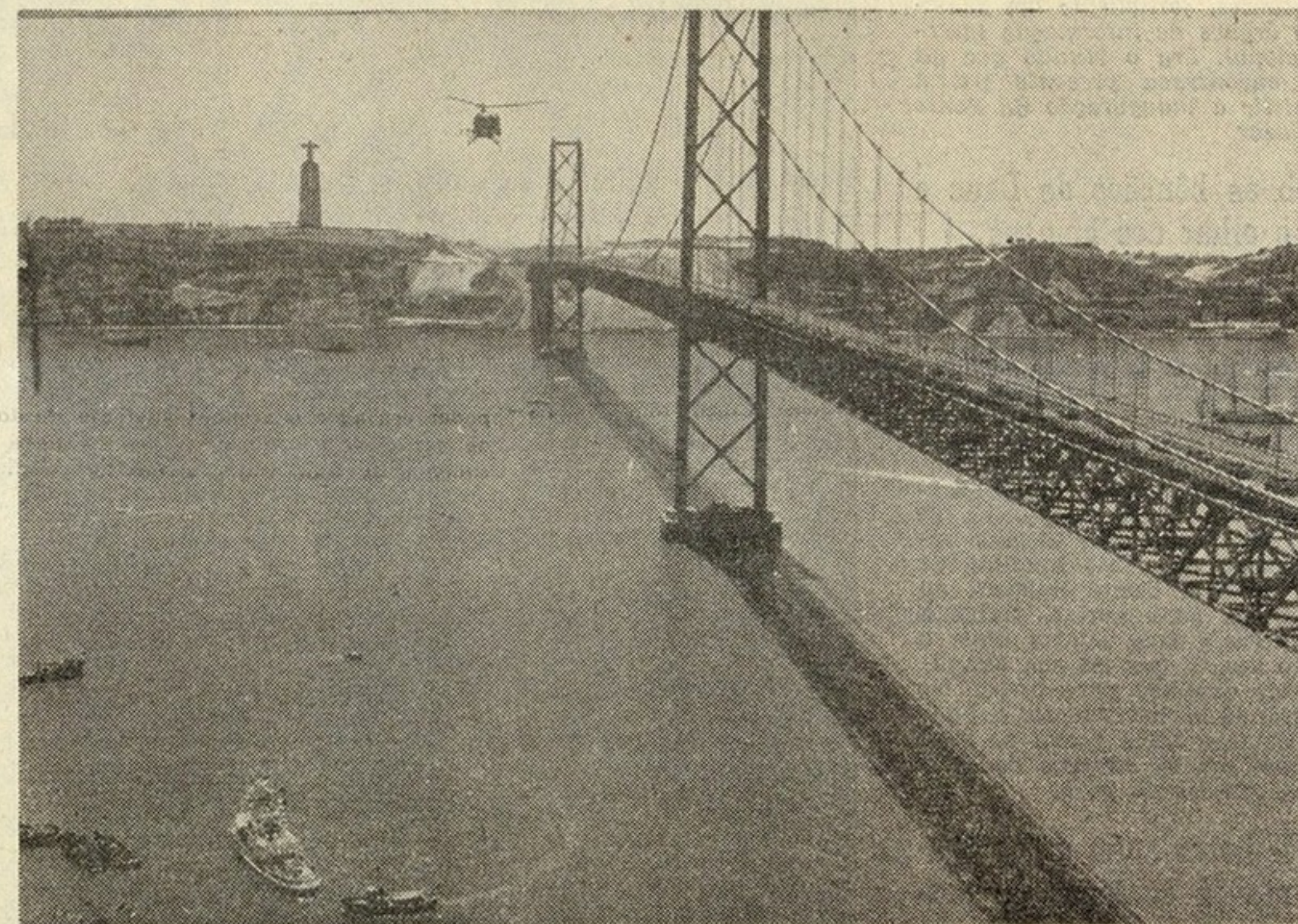
ALMOÇO OFERECIDO PELA C. M. L. EM HONRA DOS PRESIDENTES DOS MUNICÍPIOS

Após a cerimónia da inauguração, os presidentes dos Municípios, governadores civis e presidentes das Juntas Distritais de todo o País, assim como outras individualidades portuguesas e estrangeiras, convidadas para o festivo acto, seguiram para Montes Claros, onde a Câmara Municipal de Lisboa ofereceu um almoço em sua honra. Presidiu ao mesmo o Ministro do Interior, tendo estado presente, também, o Ministro das Obras Públicas.

Entre as individualidades que participaram no banquete, contavam-se os Srs. Otto Theuner, representante do burgomestre de Berlim; Carlos Arias, alcaide de Madrid; Angel Vival Gomez, alcaide de Toledo, Dr. Pinheiro Torres, e Eng.º Veiga de Faria, presidente e vice-presidente da Câmara do Porto, convidado especialmente pelo Sr. General França Borges a assistir à cerimónia.

O almoço, que decorreu muito animado e teve a presença de cerca de 1200 convivas, terminou cerca das 17 horas.

Depois do compromisso de honra alguns dos presentes usaram da palavra para exaltarem as qualidades



O CORTEJO PRESIDENCIAL ATRAVESSA A PONTE, VISTO DE UM DOS HELICÓPTEROS DA FORÇA AÉREA

de Sr. Monteiro de Oliveira. Entre eles podem citar-se os nomes do Dr. Joaquim Pereira das Neves, presidente da comissão conceitual da União Nacional e do Sr. Salvador Gomes Villarrino, presidente do Município.

O chefe do distrito fez também um breve discurso e o empossado no final agradeceu, prometendo servir com lealdade e dedicação.

VIDA MUNICIPAL

TOMOU POSSE O VICE-PRESIDENTE DO MUNICÍPIO DE SILVES

FARO, 6 — O governador civil do distrito, Dr. Joaquim Romão Duarte, empossou no cargo de vice-presidente do Município de Silves o Sr. José Monteiro de Oliveira, dedicado nacionalista, a quem o concelho já deve assinalados serviços.

Depois do compromisso de honra alguns dos presentes usaram da palavra para exaltarem as qualidades

de Sr. Monteiro de Oliveira. Entre eles podem citar-se os nomes do Dr. Joaquim Pereira das Neves, presidente da comissão conceitual da União Nacional e do Sr. Salvador Gomes Villarrino, presidente do Município.

A P. V. T. NA INAUGURAÇÃO

Dirigiram superiormente os serviços de regulamentação de trânsito, durante as cerimónias da inauguração da ponte, o comandante da P. V. T., Major Ennes Ferreira, e o 2.º-comandante da Corporação, Capitão Cravo Sanches, conjuvados pelo comissário-chefe Belarmino de Oliveira, comissário Herculides Possidónio e chefes José dos Santos e Rodrigo Monteiro, tendo colaborado um total de 135 graduados e guardas.

Foram utilizadas 18 brigadas-automóveis e 60 brigadas-moto.

A escolta presidencial foi constituída, na parte dianteira, por um batelão, seguido, a cerca de 500 metros, pelo carro do comando, conduzindo o 2.º-comandante, Capitão Cravo Sanches, sendo este veículo seguido por sete brigadas-moto, em forma de leque. Atrás do carro presidencial, seguiam cinco brigadas-moto em linha e, fechando a escolta, o carro de inspecção, conduzido pelo subchefe ajudante Ramiro Garcia.

no outro local publicamos com o devido relevo, e condecora com a grã-cruz da Ordem de Santiago da Espada o Ministro Arantes e Oliveira.

Após lhe ter imposto a faixa e o colar, no meio de calorosos aplausos, o Eng.º Baptista Neves, secretário do titular da pasta das Obras Públicas, inicia a chamada dos condecorados.

Terminada a cerimónia das condecorações, o Presidente da República dirige-se para os locais onde se encontram os operários da ponte e entrega pessoalmente a cada um a medalha comemorativa do acontecimento, da autoria do escultor Leopoldo de Almeida.

Numa face vê-se a legenda «Ponte Salazar - Lisboa - 1966» e desenhada uma ponte, o nó rodoviário da margem sul e os acessos da margem norte. Noutra lê-se: «Ministério das Obras Públicas - Gabinete da Ponte sobre o Tejo», e o desenho de dois homens separados por um rio e dando-se as mãos.

Bênção da ponte

Chegou a altura da cerimónia da bênção da Ponte Salazar.

FOI INAUGURADA NA F. I. L. a Exposição Retrospectiva

As 16 horas, o Ministro das Obras Públicas, Sr. Eng.º Arantes e Oliveira, acompanhado pelo Subsecretário de Estado daquela pasta, Sr. Eng.º Rebelo Pinto, inaugurou a «Exposição Retrospectiva da Ponte», sendo ali recebido pelos Srs. Eng.º Canto Moniz, director do Gabinete da Ponte; Eng.º Manuel Pinto Serão, arquitecto Augusto Santa Rita

O Cardeal-Patriarca, acompanhado pelos elementos do cábio — D. João de Castro (Nova Goa), cônego António Gonçalves Pedro, Mons. Honorato Monteiro e beneficiados Eugénio dos Santos e Santos Rocha e de dois seminaristas, dirigiu-se para um plinto, colocado a direita da tribuna.

O venerando prelado encontrava-se paramentado com uma riquíssima capa branca bordada a ouro, uma das mais valiosas do tesouro da Sé Patriarcal de Lisboa. Os acólitos transportavam a caldeirinha, o livro da oração, a mitra e a cruz.

D. Manuel Gonçalves Cerejeira proferiu uma prece alusiva ao acto que no outro local publicamos com o devido relevo. Antes e após a bênção, o coro «Stela Vitae» entoou cânticos sacros.

O momento culminante da cerimónia

Terminou a bênção, São 12 e 50. O Presidente da República, acompanhado do Ministro das Obras Públicas e do director do

Gabinete da Ponte dirige-se para o plinto e pronuncia as seguintes palavras:

«Atingido o momento culminante desta soleníssima inauguração dou graças a Deus e declaro aberta ao tráfego e posta ao serviço da Nação a Ponte Salazar».

São 12 e 52. O Almirante Américo Thomaz, por comando à distância, desceira os quatro padrões situados nos limites norte e sul e o padrão da Avenida da Índia, junto à ancoragem norte.

O hino nacional é cantado em coro pela multidão.

Ouvem-se salvas, morteiros, foguetes, e do rio os barcos ancorados no Tejo sublinham o acontecimento com as suas idrenes. Ao mesmo tempo, no largo da portagem, são largados milhares de pombos.

O mais alto magistrado da Nação encaminha-se de novo para a tribuna presidencial: fim de se despedir das individualidades presentes.

Dá-se então início ao cortejo. Pela primeira vez a Ponte Salazar vai ser oficialmente atravessada. São 13 horas.

PALAVRAS DO CHEFE DO ESTADO AO CONDECORAR O MINISTRO ARANTES E OLIVEIRA

Antes da entrega das condecorações o Chefe do Estado proferiu as seguintes palavras:

«As condecorações cuja entrega acaba de ser anunciada são as propostas pelo Ministro das Obras Públicas e destinadas aos obreiros da ponte. Antes, porém, de fazer a sua entrega, um outro dever me obriga e é o de agradecer ao Ministro das Obras Públicas, o homem, trabalhador admirável, que consumiu a sua saúde vivendo profundamente, além de tudo o mais que muito, a realização desta obra maravilhosa.

Ao colocar no seu peito com imensa satisfação as insignias da Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada estou certo que o faço no dia mais feliz da sua vida, intensamente vivida de engenheiro e de Ministro».

AS CONDECORAÇÕES ENTREGUES PELO CHEFE DO ESTADO

O Chefe do Estado procedeu à condecoração dos obreiros da ponte e dos seus acessos rodoviários:

Eng.º Eduardo de Arantes e Oliveira — grã-cruz da Ordem de Santiago da Espada; Eng.º José Estêvão Abranches Couceiro do Canto Moniz — grã-cruz da Ordem do Infante D. Henrique; Eng.º Luís Maria Nolasco de Guimarães Lobato — grande oficial da mesma Ordem; Eng.º Júlio Ferry do Espírito Santo Borges — comendador da Ordem de Santiago da Espada; Eng.º Francisco Merrel Highly, Mário Abranches de Sousa Carneiro, Manuel dos Santos Pinto Serrão, Tomás Inácio Magalhães Guerra Pontes, Dr. Albino Cabral Pessoa e Eng.º Eduardo Abranches de Magalhães — comendadores da Ordem do Infante D. Henrique; John Lee Armittage, Alfred Everett Couto, Eng.º Daniel Christie Kline e Spire Agius — comendadores da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial (classe de Mérito Industrial); Eng.º Joaquim da Silva Mendes Bragança, Mário Fernandes Marques Dias, Carlos Manuel Miranda de Vasconcelos da Silva Lima e Mário Pinto Alves Fernandes — oficiais da Ordem do Infante D. Henrique; Francisco Mendo Alves Pinho da Fonseca, Vicente Ferreira Branco e Fernando Rodrigues de Sousa — oficiais de Mérito Agrícola e Industrial (classe de Mérito Industrial); Milton Joseph Boden (ausente) — oficial de Mérito Agrícola e Industrial (classe de Mérito Industrial); Armindo de Matos Faria — medalha de prata da Ordem do Infante D. Henrique; José Rui Luís Barbosa de Faria, João Francisco, Leine Nunes Professor, António Barata Gonçalves, António Martins, Aniceto Cabral de Sousa, Raul José Germano Saramago, Silvino Manuel Molha, António da Fonseca Caramelo, Clemente Rio de Sousa Lima, Manuel Rosa Prazeres, António Dias, Manuel Mendes, Ramiro João Maia Malpique, Jorge Filipe, José Rocha Couto, Antunes Manuel da Cruz Sá Barradas, José Rosa Simões, José Joaquim Sampaio, Laurentino Gonçalves, Alvaro das Dóres Martins Graça, António Rodrigues dos Santos, Dinis Henrique da Costa, Aníbal Silvestre, Acácio Nunes da Silva, Vitoriano dos Santos Valadas, Manuel Martins de Oliveira, James W. Graham (ausente) e Everett H. Seabrook (ausente) — medalhas da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial (classe de Mérito Industrial).

LÁPIDA COMEMORATIVA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.ª)

te do Conselho de Ministros, acompanhado de todos os membros do Governo, os presidentes da Assembleia Nacional, da Câmara Corporativa e do Supremo Tribunal de Justiça, os membros do Corpo Diplomático, altas individualidades civis e militares, os técnicos e operários que realizaram a obra e o povo português, representado por grande multidão de todas as categorias sociais. Realização do Ministério das Obras Públicas, esta obra, compreendendo os acessos rodoviários nas duas margens, foi iniciada no dia 5 de Novembro de 1962, tendo o planeamento geral, condução e fiscalização estado a cargo do Engenheiro José do Canto Moniz. Na construção desta ponte — a maior da Europa — e dos seus acessos foram escavados seis milhões e meio de metros cúbicos de rocha e solos, fabricados e moldados trzentos mil metros cúbicos de betão, fabricadas e montadas oitenta e duas mil toneladas de peças de aço. Chegaram a trabalhar, simultaneamente, na obra, cerca de três mil operários portugueses. Deram as suas vidas na execução deste empreendimento quatro operários: José da Silva, Jorge Germano Ribeiro, Tutes dos Anjos Serra e Fernando Sampaio Dias Oliveira.

Esforço da geração presente, homenagem às gerações que a precederam e mensagem de confiança às gerações vindouras».

NOVA RODOVIA EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 6 — Iniciaram-se os trabalhos de construção de uma nova estrada na vila da Matola, que custará 3500 contos, com a extensão de vinte quilómetros e ligação ao Bairro do Pimento.

Através da Machava, a nova estrada-avenida ligará ainda com a futura estrada da Moamba, aumentando o no rodoviário dos arredores da Lourenço Marques. — ANI

OS PRIMEIROS BARCOS ESTRANGEIROS A PASSAREM SOB A PONTE

Tinha há pouco terminado o ceremonial da inauguração da ponte. Há via decorrido um interregno, para depois dar lugar à avalanche de carros, de todos os tipos, que deviam de atravessar o Tejo pela nova rodovia, nos dois sentidos.

As 15 e 30 o paquete italiano «Cristoforo Colombo» começou a deixar a gar marítima de Alcântara, com centenas de turistas de várias nacionalidades a caminho de Nova Iorque. Dez minutos depois navegava sob a ponte. A sirene de bordo começou a soar e o seu toco festivo continuou até que a ré do magnífico barco ultrapassou a nova estrada que liga as duas margens do Tejo.

Ergalando, o paquete, onde se via nos decks os seus passageiros, cruzou com outro navio estrangeiro, o cargueiro alemão, do porto de Hamburgo «Werratal», que chegava ao nosso porto. Não estava enganado, porque talvez o seu comandante não tivesse tido conhecimento do dia festivo que o Tejo vivia. Mas na amurada, a tripulação contemplava a grandiosa obra, que ainda talvez não tivesse visto na plenitude da sua beleza.

VIDA RELIGIOSA

Actos de culto

DIA LITÚRGICO — 10.º Domingo depois de Pentecostes. Rito de 2.ª classe. Paramentos verdes. Missa própria. Glória. Evangelho segundo S. Lucas, cap. 18, vers. 9 a 24 (parábola do fariseu e do publicano). Credo. Prefácio da Santíssima Trindade.

LAUSPERENE — Reposição na igreja do Menino Deus e exposição na igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira.

MISSAS REZADAS — As 18 e 30. S. Domingos, S. Mamede, São Condestável. Coração de Jesus Encarnação As 19. Sé Patriarcal. S. Paulo. Santa Catarina. S. Joã de Brito. As 19 e 15 Estrela e S. João de Deus. As 19 e 30. Loreto.

EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO — Durante o dia, na igreja das Misericórdias de Maria, no Rato das Misericórdias de Maria (Chiado), às 19, na igreja do Loreto (Chiado).

TERÇO DO ROSÁRIO — Encarnação, S. Domingos, Coração de Jesus, às 18 Martires, às 18 e 30. Loreto, às 19.

DIA LITÚRGICO (amanhã) — S. João Maria Vianey, confessor. Missa própria. 2.ª oração, dos santos mártires Ciríaco, Largo e Espiridão.

INAUGURADA A PONTE SALAZAR

VIAGEM MARAVILHOSA COM OS PRIMEIROS AUTOMOBILISTAS QUE ATRAVESSARAM A PONTE

Ao garoto disseram um dia: — Talvez teus netos vejam a ponte. Tu não a verás. É obra grande demais para ser construída no teu tempo. A não ser que...!

E o garoto sonhava com a idade adulta; por ironia, ambicionava a velhice.

Querias ver a ponte.

Um Homem — já na galeria de símbolos de uma raça — paciente, persistente e arrojado, quis oferecer à geração do garoto a ponte que muitos, há anos, ambicionavam.

E a ponte tem o nome desse Homem — Salazar.

E o garoto, já adulto — por vocação: jornalista — viveu ontem o momento emocionante de atravessar a ponte... que lhe diziam só possível na época dos seus netos.

As 15 foi a hora marcada com o impossível... transformado em realidade. Entrámos pelo acesso de Alcântara — que engarrafamento de automóveis!

e como não se pode atravessar a pe utilizam os autocarros.

Atravessamos a ponte em 11 minutos e... uma floresta de braços

Lá em baixo, sereno, espelho de mil reflexos, o Tejo corre (sem pressas...) para o Oceano.

Aconselhamos um panorama diferente de Lisboa — até, agora, só possível a quem de avião chegava à capital subindo o curso do Tejo — este de ver-se a zona ribeirinha do alto da ponte; é deslumbrante.

Velas ao vento, a «Sagres» é uma imagem que inspira poesia. Pequena

A venda é contínua. Os empregados da portagem não têm tempo para respirar. Alguns suam, outros não conseguem disfarçar certo nervosismo.

Começamos a ver notas de 20 escudos no chão das bilheteiras. É sempre a aviar.

A primeira bilheteira a esgotar as moedas, é a número cinco. Em vinte minutos fez 5 contos.

Seguiu-se a bilheteira três e quatro.

«Mas isto será prata?» A pergunta da mulher, ele (o marido) encolhe os ombros. Ela quer a certeza — morde a moeda. «Parece-me que é prata. Mas que levezinha...!»

Há que vender moedas também a muitas pessoas que se apresentam de automóvel. Generaliza-se a confusão.

Todos querem levar mais uma moeda — há quem ande de bicha em bicha.

«É a vinte escudos. Quem quer bonitos lenços com a vista da ponte — e faz bom negócio.

Uma velhota suplica — «Venda três moedas. Sou de tão longe...!» E houve quem, a sorrir, acedesse — «Só tenho ordem para vender duas moedas no máximo. Mas vá lá... avozinha. Não a quero ver triste. A avozinha sorriu... e foi para junto dos seus com a alegria estampada nos olhos.

Em meia hora venderam-se 1250 moedas no valor total de 25 contos.

Tocam-nos no braço — «onde comprou esse emblema». Supresa — «Qual?» — Convicto o nosso interlocutor acrescenta — «O que tem na lapela. Esse da Imprensa...» Desiludido o nosso interlocutor afastou-se depois de lhe dizermos que o emblema é uma identificação profissional.

Na primeira hora: 1200 veículos atravessaram a nova ponte no sentido Norte-Sul

As 16 horas empreendemos o regresso. Trânsito engarrafado nos dois sentidos. Cinco minutos, na ponte, ao voltarmos a Lisboa.

Contámos saindo da capital, a passarem pela ponte: 480 automóveis, 52 motorizadas e 28 camionetas — tudo naqueles cinco minutos.

Antes, vimos à entrada da portagem o automóvel HD-75-58 avariado. O reboco tratava de o tirar do local. Talvez este carro seja o primeiro.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



SALAZAR É CUMPRIMENTADO PELO GENERAL MUÑOZ-GRANDES

MAGNÍFICA REALIZAÇÃO DO GOVERNO DE SALAZAR — A OPINIÃO UNÂNIME DOS CONVIDADOS ESTRANGEIROS

TINHAM terminado as cerimónias.

A opinião das altas individualidades estrangeiras e portuguesas era unânime nos elogios a tão grandioso empreendimento.

A nosso lado estava o Sr. comendador Alfredo Figueiredo, representante da Comunidade Portuguesa de Pernambuco, que nos disse não poder esconder a grande satisfação de participar naquela grandiosa cerimónia, de transcendência internacional.

E acrescentou: «Esta magnífica realização do Governo do Prof. Salazar impunha-se, tanto quanto me foi possível saber, era sonho que vinha passando de geração em geração, sem que houvesse alguém suficientemente audaz para a levar a cabo.

Tive ocasião de admirar esta formidável obra da técnica moderna, onde se que se classificou de excelente a mão-de-obra nacional; e as empresas portuguesas já de projecção mundial, mostraram o seu elevado nível técnico.

Neste jubileo momento, não apenas eu (que particularmente aqui estou) mas os dignos representantes do Brasil e de outros países amigos, vimos todos testemunhar ao Governo e ao bom povo de Portugal, nesta hora grande do seu ressurgimento, o nosso grande apreço pela consecução deste importantíssimo empreendimento que muito contribuirá para o surto de progresso já bem visível nas terras do Sul.

Não quero deixar de significar também a minha admiração pelos engenheiros e todos quantos colaboraram na bela obra, da qual até nós, brasileiros, muito justamente nos orgulhamos também.

Entre as individualidades estrangeiras convidadas encontramos D. Tomaz Mur Vilaseca, chefe da Repartição de Pontes e Estruturas da Direcção-Geral das Estradas de Espanha, que nos declarou ser a ponte Salazar uma obra de grande interesse, superior às maiores do mesmo tipo que existem na Europa. Trata-se de uma ponte — disse — cuja grandeza e ligeireza de silhueta são magníficas e com uma construção que muito honra a engenharia e os operários portugueses.

Altas personalidades, membros de Governos estrangeiros e representantes de vários países amigos, presentes ao acto, não escondiam também o seu interesse por tão magnífica realização, a qual teciam os maiores elogios. Ao lado deles, os membros do Governo Português igualmente manifestavam todo o seu entusiasmo por verem completada uma obra que ficará a assinalar uma data histórica da nossa Pátria.

Falando para os representantes da Imprensa do Porto, o Ministro Eng.º Arantes e Oliveira disse que a cerimónia da inauguração da Ponte Salazar lhe tinha feito recordar o dia festivo que a capital do

Norte viveu quando da abertura da Ponte da Arrábida, se bem que a do Tejo tenha mais características nacionais.

NOTA INTERNACIONAL QUANDO TUDO SE EXPLICA...

O Tenente-Coronel Tokuba Gowon recebeu contacto com o público, através de uma conferência de imprensa em que se observaram formalidades inusitadas. A entrevista, os jornalistas foram apertados e revistas minuciosamente, não obstante a exibição dos documentos que os identificavam.

Talvez porque este novo protocolo não lhes agradasse excessivamente, os representantes da imprensa e da rádio apenas fizeram uma pergunta ao chefe da Nigéria, e logo por sorte essa pergunta foi a mais desagradável que se poderia formular, se bem que, como nenhuma outra, pertinente.

O novo Chefe de Estado queria que o interrogassem acerca dos seus planos políticos, danocinhe pretexto para ordenar as ideias que expôs a respeito do regresso ao poder civil, do adiamento da reforma constitucional e da criação de uma junta consultiva que assistirá o Governo e será composta de cidadãos independentes e representativos dos vários sectores da comunidade, devendo «preencher o vazio» resultante do banimento dos partidos.

Ninguém se lembrou de contestar o interesse de qualquer destes assuntos, da mais viva actualidade, mas, naturalmente, porque pareciam excessivamente técnicos, os jornalistas preferiram interrogar o Sr. Gowon acerca do que aconteceu ao seu antecessor, o General Ironsi.

O Tenente-Coronel reagiu àperamente, respondendo de modo cortante a esse comentário: «Segundo notícias não confirmadas em Lagos, aquele General teria sido executado pelos seus captores, soldados hausas que receavam o domínio da sua região, no Norte muçulmano da Nigéria, pela poderosa raça Ibo do Sul.

A explicação, nos termos em que foi dada, vale por uma justificação. Isto mesmo se desprende do facto de se empregar o termo «executado», em vez de «assassinado».

Foi pena que o jornalista não insistisse e não sublinhasse esta palavra. Assim, ficou-se com a impressão de que os soldados, pelo menos os do Norte da Nigéria, quando «receosos» pela autonomia da sua tribo, estão no pleno direito de chacinar os homens que exercem a autoridade ao mais alto nível. O que comporta o risco de amanhã os soldados do Sul procederem do mesmo modo, invocando a democrática igualdade de estatuto jurídico.

Mal vão as coisas quando o poder público não tem a coragem de repelir a culpabilidade nos crimes, de os condenar expressamente e de assegurar a sua punição através dos órgãos jurisdicionais. Mal vão as coisas quando o Estado se desinteressa da garantia dos direitos humanos e se cala perante os actos que implicam o regresso à selva.



MOVIMENTO DOS AUTOMÓVEIS CONTINUOU DURANTE TODO O DIA

Largo de Alcântara — 14 e 30. Colgaduras pendem de janelas — aragem suave dá-lhes movimento caprichoso. Certa confusão de pessoas e de automóveis.

Elementos da Secção de Trânsito da P. S. P. diligenciam ordenar o movimento de automóveis.

Camionetas, motorizadas e automóveis surgem de todos os lados.

Também é numeroso o contingente de táxis — na sua maioria com famílias da província.

NA PRAÇA DO IMPÉRIO HOJE ACTUA O GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO

O Grupo Gulbenkian de Bailado apresenta-se hoje, às 22 horas, num espectáculo extraordinário que se realiza na Praça do Império, integrado no programa oficial das comemorações da inauguração da Ponte sobre o Tejo.

A abrir o programa, e sobre música de Gluck, será dançado «Ballet de Orfeu», do notável coreógrafo suíço Michel de Lutry, que se deslocou a Portugal expressamente para montar este bailado. Em estreia mundial, veremos «O Bando», coreografia de Walter Gore e música de Norman dello Jolo. O programa inclui também uma outra coreografia de Walter Gore, que já anteriormente foi apresentada entre nós com assinalado êxito: «Sassenach Suite», sobre música de Malcolm Arnold.

Terão destacadas actuações neste espectáculo a grande bailarina Paula Hinton (artista residente convidada do G. G. B.), que o crítico do «The Times» de Londres considerou a mais admirável bailarina dramática da Europa, e ainda Isabel Santa Rosa e Carlos Trincheiras, sem dúvida dois dos melhores bailarinos portugueses da actualidade.

A curiosidade faz as pessoas não terem pressa de andar. Começamos a perceber boa percentagem de estrangeiros — tanto a pé, como de automóvel.

Minuto a minuto o tráfego é mais intenso. E ainda não foi aberta a ponte! Em muitos rostos, alguns fartos de esperar, é visível a ansiedade de chegarem depressa ao seu sonho...

Os automóveis formam duas filas compactas. No acesso da auto-estrada e do que vem da Avenida Eng.º Duarte Pacheco avançam lentamente centenas de automóveis. O sol abrasa. Há suor em rostos de polícias. Nos passeios também aumenta o número de curiosos... daqueles que andam a pé.

São 15 horas. Estamos no final de acesso. A meia dúzia de passos... o princípio da ponte. A realidade de um sonho antigo. Mas que confusão à nossa volta — todos querem ser o primeiro a passar! Afinal são dezenas o... primeiro a ter a tal honra.

Passam carros de todos os tamanhos. Vão cheios. Nos rostos, satisfação! Olha-se à direita e à esquerda — a surpresa: um novo panorama. Os olhos deliciam-se: maravilhoso Tejo, a zona ribeirinha a perder-se de vista, o Tejo a fundir-se com o ceano, as pessoas (quase formigas) na Avenida da Índia a seguir ao movimento da ponte.

Olhamos o relógio — são 15 e 10. Rápida contagem — 53 automóveis, 2 autocarros e 3 camionetas. São 15 e 13. O trânsito já é lento.

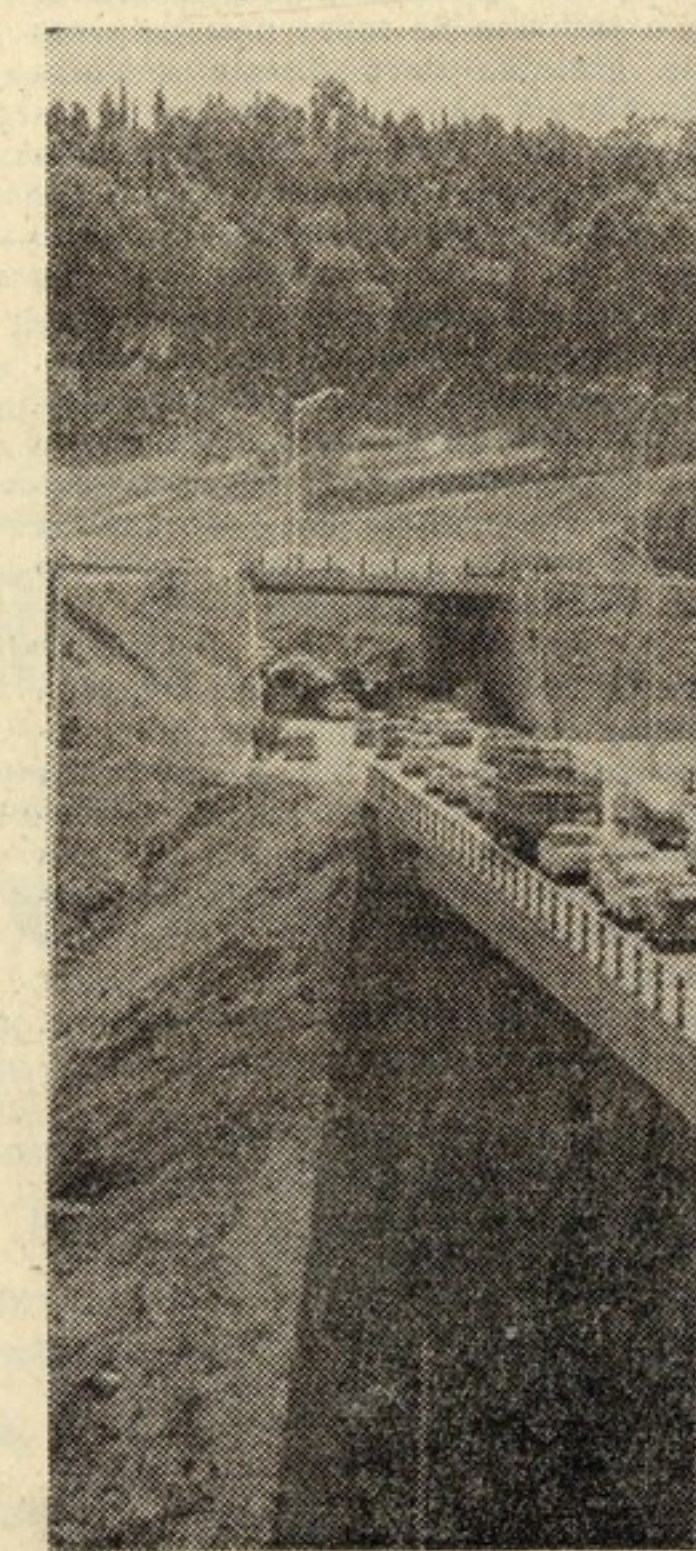
A mistura com os veículos portugueses bastantes estrangeiros. Os franceses debruçam-se das janelas para tudo verem. Os alemães filmam. Os espanhóis fazem fotografias.

São 15 e 16 — entramos na ponte. Da margem sul avançam alguns veículos. A empresa de camionagem «Beira Rio» já faz desdobramentos — aqueles que não têm automóvel,

nos barcos de recreio e gasolinas sobem e descem.

«Sol de Invernos... ironia que nos vem do rádio de um automóvel — é Simone de Oliveira que canta.

Ao longo da ponte motociclistas da P. V. T. O trabalho é fatigante. Todos os automobilistas querem passar na ponte a velocidade reduzida — ninguém quer perder aquela vista... da ponte.



FOI ENORME A ENCHENTE NAS PRIMEIRAS HORAS

Na nossa frente, uma floresta de braços, saídos das janelas dos veículos e apontando à direita e à esquerda.

A caminho de Lisboa o movimento ainda é reduzido — automóveis, uma ambulância, duas camionetas com excursionistas de Santarém, um carro francês, cheio de malas, uma furgoneta com hortaliça, muitas motorizadas.

O povo aglomera-se à entrada da ponte. Terminamos a viagem de ida. São 15 e 27. A viagem durou onze minutos.

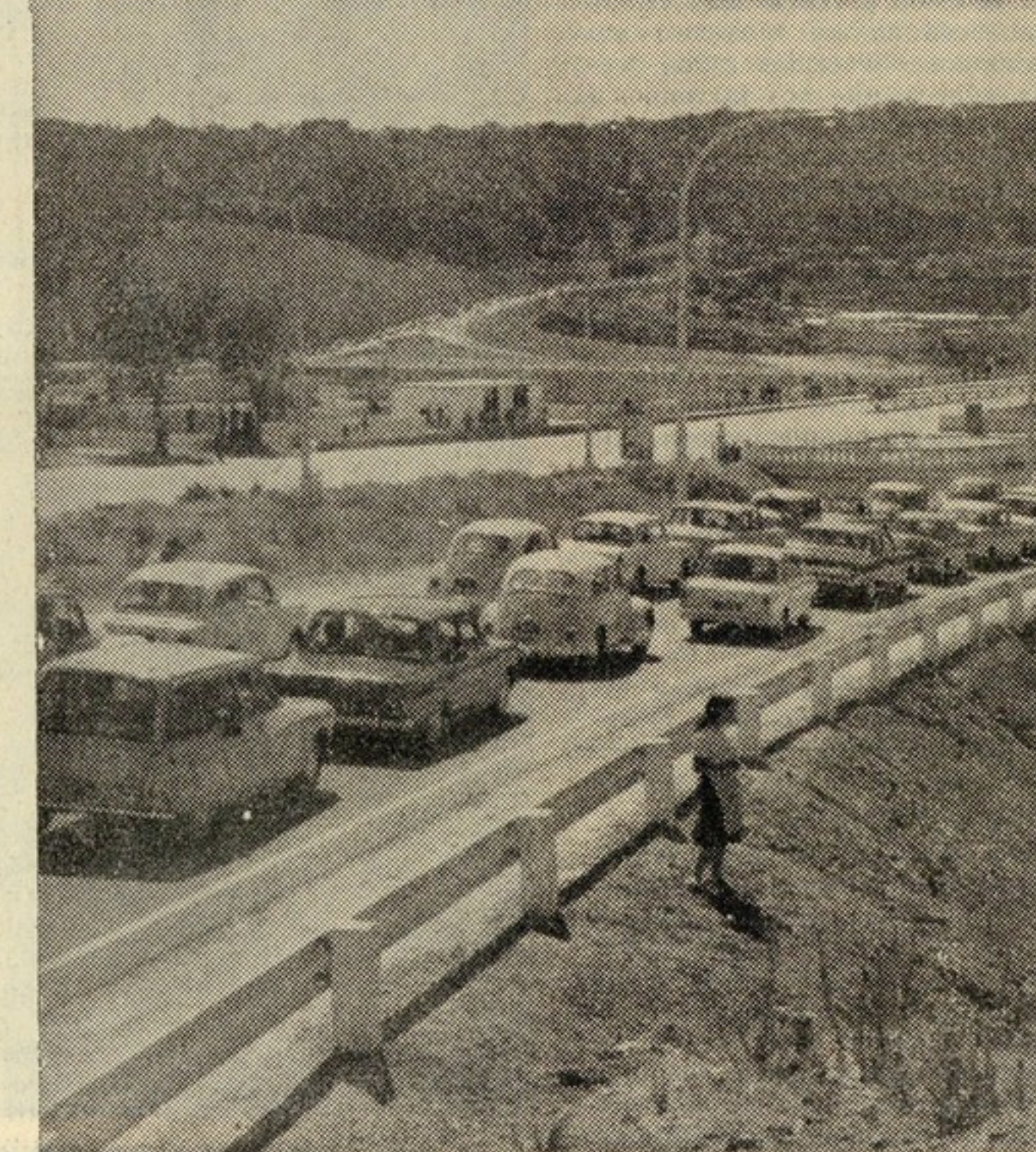
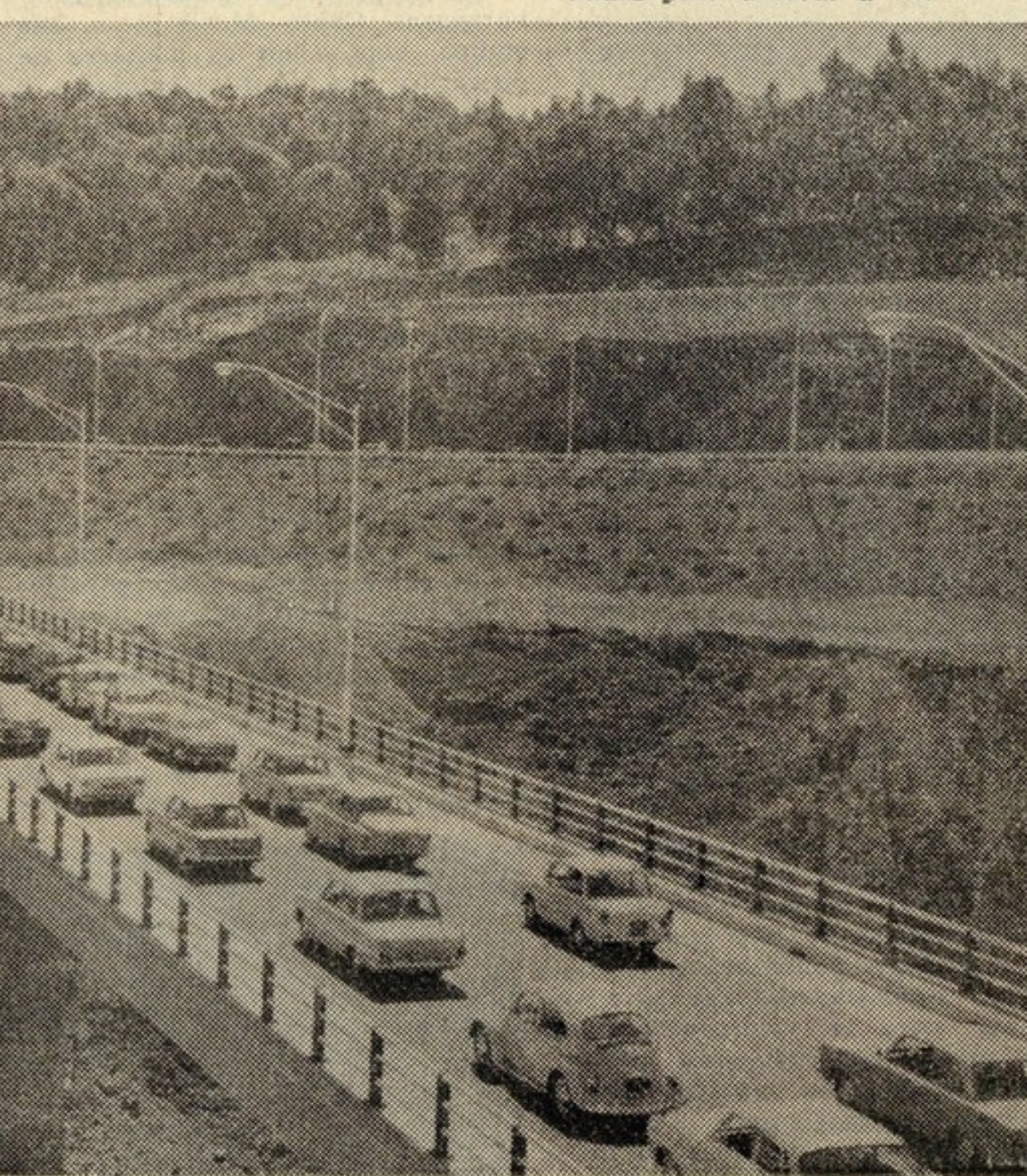
Em meia hora venderam-se 1250 moedas de vinte escudos

Na portagem funcionam as cinco bilheteiras — é grande a aglomeração de elemento masculino e feminino. Empurram-se. Alguns, menos calmos, querem despachar-se depressa.

A bicha é para a compra das moedas de 20\$00. comemorativas da inauguração da ponte.

A cada bilheteira foram distribuídas 250 moedas — total: 1250 moedas de prata, no valor de 25 contos.

Uma moeda para cada pessoa — é a ordem. Mas todos querem: duas, três, quatro ou selos daquelas ruzezentes rodas de prata...!



A ENCHENTE NOS ACESSOS DO AQUEDUTO DUARTE PACHECO

União Nacional O ABURGUESAMENTO

FOI, afinal, com Estaline que se deu na Rússia a profunda transformação que assinalou a grande viragem e significou positivamente o repúdio do comunismo. Os sucessores de Estaline limitaram-se a seguir-lhe o exemplo, a consolidar a posição por ele criada e a ir mais além.

Pode fixar-se o ano de 1936 o da grande viragem, determinada pela estabilização da moeda e dos preços e pelo regresso ao sistema do lucro individual discriminado, tanto na agricultura como na indústria.

Os hábitos modificaram-se em função destas reformas e do crescente desajogo de vida. A concepção capitalista da economia triunfou e o clima de vida deixou de ser o de uma sociedade rigidamente socialista. Na cidade, passou a trajar-se

como no Ocidente, abandonando-se o uniforme «proletário». Reaparecia o luxo, ressurgiam os jornais de modas, as casas de «alta costura», os perfumes e as jóias. Tinham-se rompido os diques e passou-se à exibição ostentatória da riqueza individual.

A par disso, abriram-se nas grandes cidades os cafés e os «bares», até então considerados como redutos de ociosidade. E — escândalo dos escândalos — começou a haver cinemas que não davam filmes de propaganda.

A tendência acusar-se-ia e a Rússia acabaria por ter a aparência dos outros países. Mas já nesta fase era visível o rumo que as coisas levaram. O «Homem soviético» não suportara a prova do comunismo e retomara os hábitos e, com eles, os ideais de vida burguesa.

DIA HISTÓRICO: ABRIU A PONTE SALAZAR

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAG.ª)

meio veículo a precisar dos serviços de socorro da ponte.

Já fora da ponte — ao longo do acesso à Avenida Eng.º Duarte Pacheco — encontramos várias carros parados. Motores que aqueceram demais e dois carros que colidiram sem graves prejuízos.

Filas compactas de veículos aproximam-se da ponte. A Polícia tem dificuldade em regular o trânsito.

Num rápido cálculo — na primeira hora de utilização da ponte, esta foi atravessada, no sentido

norte-sul, por cerca de 1200 veículos.

São 16 e 10 quando chegamos à Praça Marquês de Pombal — engarrafamento nas Amoreiras e na Praça do Marquês de Aguiar. Na Praça do Marquês o trânsito é lento; 8 polícias trabalham a sério. Vêem-se muitos automóveis vindos da Ponte Pereira de Melo. É quase nulo o trânsito Avenida da Liberdade abaixo.

Terminamos aqui. Sastifetos — o homem viveu o sonho que disse-ram um dia, ao garoto de meia dúzia de anos, só ser possível no tempo dos seus netos...

corde mais iluminado se apresenta aos olhos da Pátria e do Mundo.

Ele é a voz da Pátria, vinda da profundidade dos tempos; ele é a permanente sentinela da sua integridade; ele tra consiga a alma experimentada da Pátria com o registro das cicatrizes e dos sucessos que ao longo dos tempos ou ensanguentaram a Bandeira das Quinas ou a fizeram desfilar orgulhosamente batida pelo vento e pelo sol da glória.

Ele é o homem modesto e simples que está agindo como que no cumprimento de um voto através do qual fez a oferta integral da sua própria vida, como o fizeram os santos, os mártires e os heróis que mais iluminaram a história da gente portuguesa.

Essa doação total de si próprio ele faz ressurgir Nun'Álvares e a imagem um do outro. Nun'Álvares é o irmão de Salazar.

Salazar criou uma doutrina que ele próprio justificou e divulgou, conceito a conceito. Cheia de fé e de confiança, uma geração a aceitou e a seguiu.

Ao longo de 4 décadas com ele esteve uma multidão de valerosos colaboradores, nas funções de governo central ou nas províncias, distritos e municípios, nos gabinetes de trabalho, nas oficinas e nas ruas, nos estabelecimentos oficiais e particulares, nos meios onde se funde o saber, a inteligência, a sensibilidade e o coração do homem; nos meios de cultura, na imprensa, em todos os lares, na alma das mulheres, nos pobres e nos ricos; por todos os recantos onde uma educação condicional, uma atitude, uma multidão nele acreditou e o seguiu.

Na fidelidade das Forças Armadas, no aplauso das comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo, em todos aqueles que foram féis ao chamado, de alma pura e de mãos limpas, uns mortos, outros inutilizados ou retratados das lides políticas, todos lhe deram, ao longo dos anos, o melhor que possuíam dentro de si, porque tinham a certeza de que tudo revertia a favor da Nação, por esse intermédio.

O número infinito de obras, implantadas em todos os recantos do País só para ficar, destinam-se a ser usufruídas por todos indistintamente, por amigos e adversários, hoje e amanhã.

A amigos e a adversários ele oferece a paz, facilita a prosperidade, assegura a confiança quanto ao futuro. Este ressurgimento completo, foi

obra dele, e foi esse ressurgimento que permitiu a realização do sonho de Miguel Pais.

Nestes 40 anos difíceis em que sustentou a defesa e talvez tivesse saído do prestígio dum civilização, ele só aparentemente envelheceu; está mais dobrado e mais branco, mas o espírito de hoje, é o de sempre: fígura e criador. Mesmo que não apareça, a Nação nunca o esquecerá, porque é dever de todos nós manter vivo e iluminado o monumento de eterna gratidão erguido em nossas almas como homenagem à coragem que não enfraquece, à inteligência que não cansa, à firmeza dum rumo que não se desvia da sua estrela-polar.

Desde os alcerces da sua História, Portugal inteiro vibra pela culminância atingida por uma obra material e moral com que se salvou a Nação.

Foi ele só, por seu valor, impar, por sua administração, pela confiança e respeito que inspira a todo o Mundo, quem conseguiu que esta grandiosa obra se realizasse, como epíteto dum vasto e profunda obra de restauração nacional.

Toda a terra portuguesa desde o Minho a Timor glorifica o seu nome, todo o mundo civilizado, por sua vez o admira e o respeita.

O louvor eleva-se de todos os recantos da Terra Portuguesa.

Desde as cinco partes do mundo português, avoluma-se o vozear crescente da multidão, que se repercute nas montanhas, encostas e planuras, para ecoar nos vales dos rios e encher de clamor este Rio Tejo. O Mundo Português realiza um perfeito acto de justiça, ao afirmar:

— Obrigada Professor Oliveira Salazar por ter dado a Portugal a plenitude da sua vida!
— Obrigada por nos ter salvo da bancarrota e do comunismo.
— Obrigada por nos ter concedido, ao longo de quatro décadas de administração, riqueza material, justiça social, paz, ordem, disciplina e prestígio.

O Tejo a velha estrada de Lisboa, está em festa.

Na verdade, o Tejo, a velha estrada de Lisboa, tem razão para gritar conosco:

— MUITO OBRIGADO PROFESSOR SALAZAR POR NOS TER DADO TAMBÉM A PONTE SALAZAR.

ficou o qualificativo dado por Frei Nicolau e Oliveira, quando a todo este rincão chamou «Paraíso Terrenal».

Almada foi a escolhida pelo Verneiro Episcopado Português para nela se erguer o Monumento a Cristo-Rei.

Tal facto permite-nos afirmar ser ela terra de oração e peregrinação e a ponte hoje inaugurada, incontestavelmente vem valorizar o Monumento, facilitando as grandes peregrinações. Mas, repito, foram exigidos pesados sacrifícios a Almada. Não os mencionaremos, pois são de todos conhecidos e nós aceitámo-los gostosamente, certos como

estamos de tudo ter sido feito a bem da Nação.

As minhas últimas palavras vão para Vossa Excelência, Senhor Presidente da República, para lhe dizer, como estamos gratos por ela inaugurar a Ponte Salazar ser feita na futura cidade de Cristo-Rei e junto à imagem do Redentor da Humanidade e guia sempre seguido da Nação Portuguesa desde a sua fundação.

Almada e suas gentes sentem bem fundo na sua alma o muito que devem ao seu passado e o que o presente para elas representa.

Almada está grata ao Governo da Nação.

grandes virtudes pessoais; agradecimento pela bênção que vai lançar a esta obra já concluída, e a todos os seus realizadores; e agradecimento, também por aquela outra bênção que se dignou dar à primeira pedra que no dia 10 de Janeiro de 1963 foi lançada à água, e que tanto reforçou a fé com que já tínhamos começado o nosso trabalho.

A todos os presentes, em nome dos realizadores desta obra, dirijo as minhas homenagens e agradecimentos pela honra que nos dão ao estarem conosco neste grande momento da nossa vida.

Encontramo-nos todos aqui para viver uma hora alta da vida nacional pois vai V. Ex.ª, Sr. Presidente inaugurar a maior obra pública que jamais se realizou em Portugal, uma obra pela qual a Nação ansiava há quase um século, pois, de facto já vão passados quase 100 anos desde que surgiu a primeira ideia concreta para vencer o Tejo em Lisboa.

É a hora que vivemos nesta ocasião é alta, porque vai começar a ser utilizada uma das mais importantes obras previstas no planeamento de valorização nacional, elaborado e lançado pelo Governo, e que está destinada a ter um efeito da maior transcendência no desenvolvimento do Sul do País e, em particular, da região de Lisboa.

Hora alta — porque ela revela de forma inconfundível a segurança com que se planeou e pôe em execução um plano nacional de valorização do sul do país, como pode e deve ser conduzido todo o planeamento e lançamento de uma grande obra pública que compreende, ela mesma, um conjunto de realizações cada uma das quais já de si importante e excepcional.

A hora que estamos a viver tem para nós um significado extraordinário como responsáveis directos pelo planeamento, lançamento e execução desta obra, e como representantes do grupo de técnicos que

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)

OBRIGADO SALAZAR

por nos ter dado a Ponte Salazar

— afirmou o presidente do Município de Lisboa

O Presidente do Município de Lisboa proferiu então o seguinte discurso:

O Tejo, a velha estrada de Lisboa, está em festa.

O Tejo, a cujo estuário acorrem desde há séculos, as estradas que têm das cinco partes do Mundo, vibra e grita.

O Tejo, donde partiu a alma portuguesa como semente de cristandade, veste-se de galas nesta hora e neste dia.

Pelas gravuras coloridas mostrando múltiplas bandeiras estrangeiras em navios ancorados no rio, pelos quadros expostos nos museus ou guardados por colecionadores, pelos livros de viagens e de estudo que correram mundo, a fama da grandiosidade do Tejo apresentou-se sempre inseparável do seu Rio.

Hoje, reflecte-se nas suas águas alguma coisa de novo que as antigas camoneiras consideram bastante estranho: uma silhueta ligeira e elegante que passou a ligar as duas margens, quebrando o seu desafio tradicional.

É um novo elemento da mais real importância, porque vem enriquecer a Nação, na sua economia e no fortalecimento da sua unidade.

É a realização dum aspiração com que ao longo dum século se pretendeu completar, nas alturas de Lisboa, a rede de pontes que desde a fronteira vêm cruzando o Tejo.

De todas quantas se desceram sobre os rios portugueses, esta é a mais extensa; é ainda particularmente testada porque mereceu do seu custo foi a mais difícil de construir.

Os maiores louvores são devidos ao Governo que se decidiu pela realização duma obra de tão alto valor e ao Sr. Ministro das Obras Públicas que colocou as suas qualidades de trabalho, o valor da sua experiência e vastos conhecimentos técnicos, ao serviço dum obra de extraordinária projecção no futuro da Nação e que se acompanhou incansavelmente, no dia a dia da sua construção.

Os nossos louvores são ainda extensivos a valerosa equipa de técnicos que tem por chefe responsável o Sr. Engenheiro Canto Moniz, alto valor na engenharia portuguesa, inteligente, competente, culto, compreensivo e correcto.

Vossa Excelência Senhor Presidente da República, que semana a semana vem inaugurando melhoramentos com que se enriquece o património das terras e das gentes, tem a felicidade de incluir a inauguração desta grande obra entre as maiores com que se tem ilustrado o período do mandato de Vossa Excelência, como ilustre e querido Chefe da Nação.

Que Vossa Excelência, aquém e além mar, continue somando dia a dia, com saúde, as vitórias e os sucessos de que é merecedor, para bem de Portugal.

Foi a execução desta obra atribuída a uma empresa que demonstrou pouca a pouca perfeita organização, experiência e amplo poder de planeamento; o prestígio da engenharia americana ficará pois perpetuado ao velho continente, através desta notável realização.

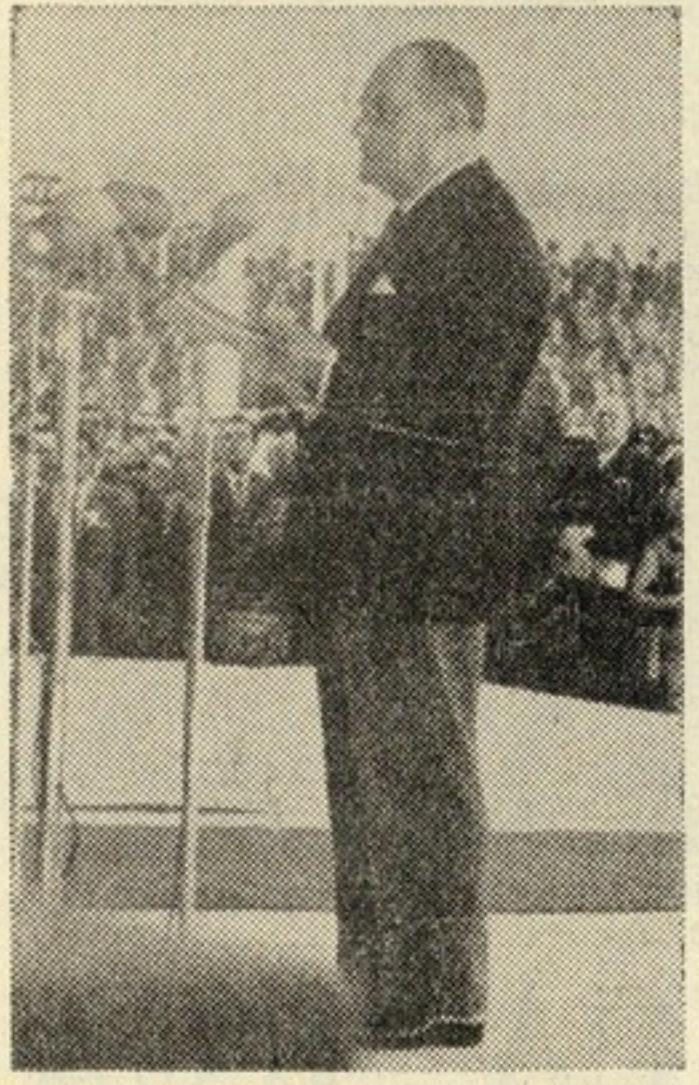
A técnica foi assim, e uma vez mais, posta ao serviço da política. A pura técnica só existe efectivamente no campo do estudo ou do ensino. O mínimo progresso obtido pela técnica imediatamente será, sob qualquer aspecto, explorado pela política do Estado a quem tudo pertence em monopólio incontestado, desde o sangue dos jovens à inteligência dos sábios.

Esta obra é do Governo e tem característica nacional: pretende conseguir uma mais rápida, fácil e cómoda ligação entre as províncias de aquém e de além Tejo e contribuir para uma melhoria de transportes face às médias e grandes distâncias. Secundariamente presta uma contribuição quanto ao acesso à Cidade de Lisboa.

Veto inserir-se num flanco da cidade, sobre terrenos municipais e, apesar de não a envolver nas suas ligações para norte, é de esperar que as condições de trânsito actuais não sejam muito agravadas.

Por sua própria iniciativa, a Câmara Municipal de Lisboa tudo fez para resolver e facilitar a resolução dos graves e importantes problemas que resultaram da sua construção.

Cedência de terrenos próprios, compra de terrenos alheios, indemnizações, realojamentos de numerosas famílias em novos bairros, demolições, questões judiciais, construção



AS PALAVRAS DE LISBOA

de novos e importantes arruamentos entre os quais se destacam dum lado a ligação de Alcântara à Avenida Marginal e do outro a futura Avenida Calouste Gulbenkian ligando a Praça de Espanha ao Campolide, todos estes trabalhos se devem traduzir em encargos que se orçam por 200.070 contos ou seja, aproximadamente, uma décima parte do custo da própria ponte.

Felizmente que, em 7 anos de consecutivos trabalhos, a cobertura do canal de Alcântara se encontra na sua fase final.

Felizmente que a Vereação e os Serviços podem inscrever a data de hoje no activo das suas realizações de carácter social, o total desaparecimento do tristemente célebre Canal Ventoso, objecto de críticas gerais durante décadas.

Cumprimo registar aqui o profundo do agradecimento pela ajuda decisiva que ao Município concederam na resolução dos problemas de aspecto social. Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho e o Senhor Secretário de Estado da Presidência do Conselho.

Homenagem a Miguel Pais

Nem Miguel Pais, em 1877, nem os que projectaram mais tarde, conseguiram ver construída uma ponte em Lisboa. Porque? E no entanto ao longo de meio século, existiram governos honestos, estadistas de grande projecção intelectual, heróis, fulgurantes jornalistas, pensadores inteligentes, políticos e técnicos distintos; homens competentes e experimentados nas variadas modalidades da administração, do fomento, do trabalho. Apesar de tudo, nem foi possível construir essa ponte notável nem levar por diante uma obra em profundidade.

A indisciplina, a instabilidade governativa, a desordem e os atropelos e a falta de cooperação, um emaranhado de razões cada uma delas constituindo um tratado, arruinaram o País material e moralmente.

Mas porque foi possível verificar então a realização desta e de tantas outras obras notáveis, no nosso tempo?

A resposta é simples e clara: anteriormente à Revolução Nacional não foi possível realizar obra construída porque Salazar não existia. No nosso tempo tudo foi possível porque Salazar existe.

Ao longo de quase 40 anos ele reformou o País; ao fim de quase 40 anos ele tinha salva a Nação. Como surgiu acontecimento tão maravilhoso?

Por milagre: de Deus que o inspirou; de toda a Nação que nele acreditou e o seguiu. Salazar é de toda a Nação: do Continente, da Madeira e dos Açores; é da Guiné, de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe; é de Angola e de Moçambique, de Macau e de Timor; hoje como sempre é ainda de Goa, de Damão e de Diu Salazar nasceu em todas elas e vive em todas elas.

Ele tem estado presente em todos os recantos da terra onde se pensa, se discute e se serve; nos locais onde se trabalha e se luta ou onde se constrói a fim de se fortalecerem as raízes pelas quais Portugal se fixa na sua velha casa, prevendo os dias tempestuosos que vão crescendo sobre o presente.

A sua palavra, o seu exemplo, o seu génio, a magnitude do seu espírito espalham-se pelos recantos da terra lusitana, como guia e farol.

Ele é portador da serenidade e da certeza e o guardião dos direitos e o juiz dos deveres.

A voz da Pátria vinda da profundidade dos tempos

Quanto mais modesto, mais grandioso se torna; quanto mais se es-

ALMADA A ESCOLHIDA para nela se erguer o Monumento a Cristo-Rei



A SAUDAÇÃO DE ALMADA

O orador seguinte foi o presidente do Município de Almada que afirmou:

Dentro de momentos vamos assistir à transformação do sonho em realidade, Almada vai ficar ligada a Lisboa por uma via rápida e cómoda, a Ponte Salazar.

O que este empreendimento representa para a valorização da Nação, o que ele custou de sacrifícios e dedicações, já foi aqui bem lembrado, mas nunca será demais repetir que esta obra só foi possível, devido ao esforço de alguns, lutando contra todos os ventos da História e velhos do Resto.

Realizaram-na no momento em que estamos envolvidos numa tremenda guerra, que nos foi imposta e vai consumindo vidas e fazenda.

Esta obra, simboliza bem a tempera da Nação Portuguesa, enquanto uns se batem de armas na mão em defesa do solo pátrio, outros na retaguarda vão pacificamente edificando o futuro para as novas gerações.

Entre os obreiros deste milagre figura em primeiro lugar o Professor de Finanças de Coimbra, que vem sacrificando a sua vida ao serviço da Pátria, sem cuidar de saber do valor do sacrifício, feito, tendo só um pensamento a norte-lo, pensamento este, logo definido em 27 de Abril de 1928, ao entrar para o Governo:

«Não tem que agradecer-me ter aceitado o encargo, porque representa para mim tão grande sacrifício que por favor ou amabilidade o não faria a ninguém.

Faço-o ao meu País como dever de consciência, friamente, serenamente cumprido. Só ele deu ao País, que é de nós todos, poder económico e paz social, permitindo esta monumental realização.

E soube escolher aqueles que devem ocupar os postos de comando hoje verdadeiros postos de combate.

No M. O. P., sector importante da vida nacional, encontra-se alguém

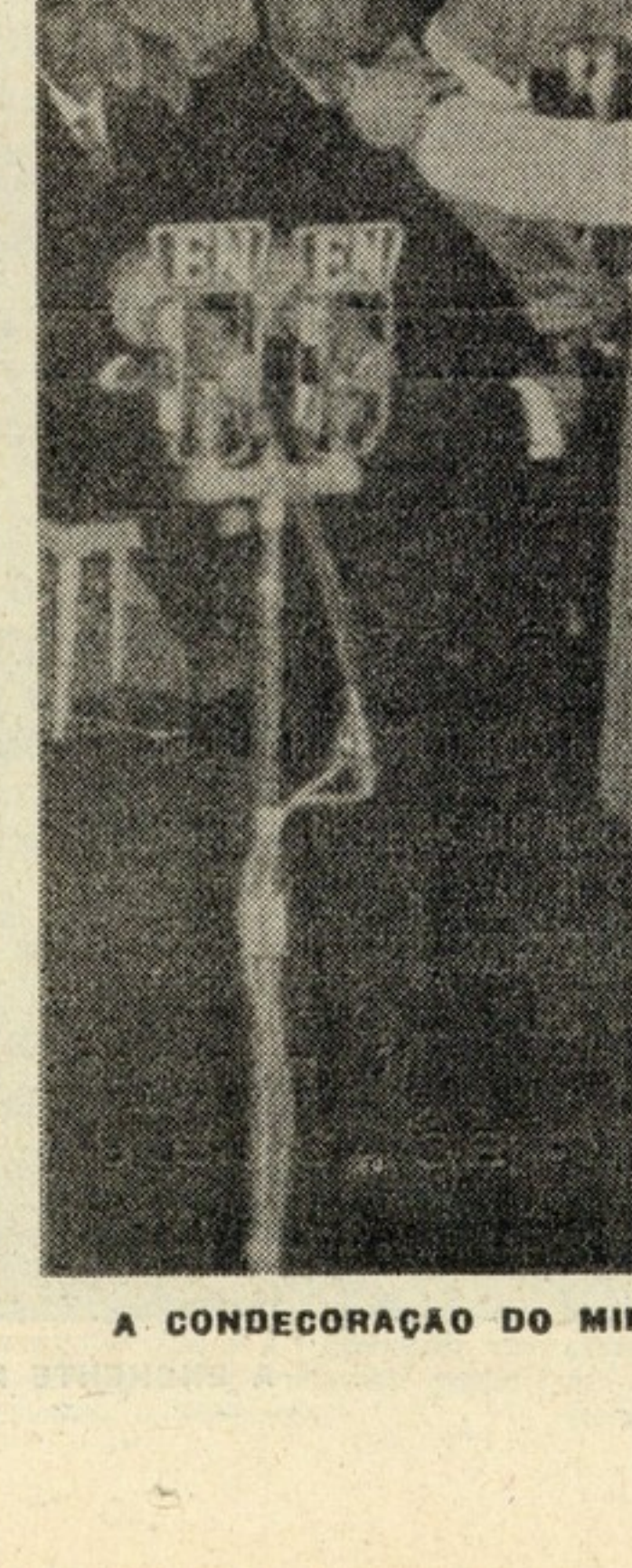
que bem merece a nossa admiração: o Engenheiro Arantes e Oliveira. Ele foi o impulsor incansável desta obra, de que tanto nos orgulhamos, tendo como principais colaboradores Canto Moniz e a sua equipa, bem como os milhares de operários que aqui trabalharam e sofreram; para os vivos a nossa gratidão, para os falecidos, a nossa respeitosa e comovida oração.

Talvez o presidente da Câmara Municipal de Almada devesse limitar as suas considerações ao que acabou de ouvir, mas Almada não saberia perdoar-lhe o haver-se esquecido de vos recordar o que a ponte representa para Almada e como Almada tem sabido corresponder aos sacrifícios que lhe foram pedidos.

A ponte vai transformar completamente a feição deste concelho.

Nós vamos passar a ser conhecidos zona privilegiada de turismo, a Costa da Caparica e suas praias ficarão a menos de 20 minutos de Lisboa.

Da Trafaria à Fonte da Telha, nós temos das melhores praias de Portugal. Esta zona há muito justifi-



A CONDECORAÇÃO DO MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

ENCONTRAMO-NOS TODOS AQUI para viver uma hora alta da vida nacional



DISCURSA O ENG.º CANTO MONIZ

Em primeiro lugar usou da palavra o director do Gabinete da Ponte que afirmou:

Ao venerando Chefe do Estado devo consagrar as primeiras palavras nesta ocasião memorável para lhe testemunhar a minha maior homenagem de respeito e gratidão. De respeito pela carreira da sua personalidade de estadista eminente, que depois de ter prestado ao País os mais relevantes serviços ao longo de uma carreira brilhante, que culminou com a sua acção de Ministro da Marinha ao renovar a nossa Marinha Mercante, foi justamente elevado à suprema Chefia da Nação Portuguesa, exercendo os seus mandatos por forma que a todos se impõe pela dignidade, simpatia e interesse com que acompanha os anseios e o trabalho de todos nós; palavras de gratidão devo dirigir a Vossa Excelência pelo interesse muito especial que sempre tem mostrado pela construção da ponte sobre o Tejo, acompanhando esta obra de perto quer por meio de honrosas visitas que fez durante as fases mais interessantes e difíceis da sua execução, quer pelas informações que frequentemente solicitou sobre a concepção da obra e andamento dos trabalhos dando, assim um precioso estímulo a todos aqueles que tinham o encargo de realizar esta grande tarefa.

A presença do Sr. Presidente do Conselho de Ministros leva-nos, muito respeitosamente, a pedir-vénia para dirigir a Sua Excelência a nossa singular homenagem agradecendo a obra extraordinária que vem realizando neste País há quase quatro décadas e que durante três delas temos tido o privilégio de poder apreciar com muita profundidade, pelo menos no domínio em que inin-

terruptamente vimos exercendo a nossa actividade profissional, desde os mais modestos aos mais elevados postos que um engenheiro pode ocupar na carreira das Obras Públicas.

Esta ponte que hoje vamos inaugurar integra-se no grande quadro das realizações dos últimos decénios e é, acima de tudo, uma obra de Vossa Excelência.

A Vossa Eminência, Sr. Cardeal-Patriarca de Lisboa, devo também desde já uma homenagem e um agradecimento, homenagem, pela alta dignidade que representa e pelas

— disse o Eng.º Canto Moniz

Seguidamente usou da palavra o Sr. Roger Blough presidente do conselho de administração da United States Steel que disse:

Tenho grande honra de tomar parte nas cerimónias dedicadas a esta esplêndida ponte, e estou profundamente grato pela oportunidade de me juntar a V. Ex.ª para celebrar a sua conclusão.

Como sabe o contrato para a realização desta ponte não está de maneira nenhuma relacionado com a ajuda americana a Portugal. Foi adjudicado ao vencedor do concurso público internacional, e nós, da United States Steel, não só ficamos agradecidos e honrados por termos sido os licitadores melhor sucedidos na competição, como ficamos orgulhosos de poder aceitar o encargo de construir esta monumental obra.

Os vários elementos essenciais desta ponte que a tornam única entre as várias existentes no mundo são, tenho a certeza, de V. Ex.ª conhecidos. Tem a vista continua mais comprida do mundo, a fundação mais profunda do mundo, e o maior vão projectado para o tráfego rodoviário e ferroviário. Além disso, tem as maiores torres e o maior arco suspenso de todas as pontes da Europa. Sob um ponto de vista puramente estético, para todos nós da United States Steel, é um motivo de grande satisfação, o facto de estarmos ligados à criação de tão magnífica obra.

Mas para além das suas medidas e da sua beleza, a verdadeira maravilha desta obra é o facto de ela permanecer como permanente monumento às realizações criadas ao possível pela cooperação industrial entre povos de duas nações e de dois hemisférios diferentes. Por isto, esta ponte representa a colaboração mais estreita entre centenas de pessoas durante um período de muitos anos.

Pela concepção original do seu desenho, financiamento, feitura e construção, trouxe uma íntima associação entre diversos e notáveis talentos numa escala verdadeiramente internacional. É para nós, a maior fonte de satisfação e, provavelmente, a oportunidade e o privilégio que tivemos em trabalhar com o vosso notável gabinete da ponte que tanto ajudou e associou todo esse talento e saber.

Assim hoje eu gostaria de pagar um tributo e apresentar os meus agradecimentos a S. Ex.ª o Sr. Ministro das Obras Públicas, ao Gabinete da Ponte, ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a todos aqueles que se nos associaram.

A Steinman, Boynton, Gronquist and London, aos engenheiros consultadores, a Tudor Engineering Company, pelo talento e habilidade que demonstraram no desenho de ponte e das suas fundações, a Morrison Knudsen de Portugal, Lda, pelo elevado rendimento que demonstrou na construção das complexas fundações, e a todos os que trabalharam associados a esta firma na construção das pontes e auto-estradas de acesso, e por fim, e especialmente, à Companhia Sorefame (Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas). As qualidades que os seus operários demonstraram no fabrico das partes essenciais da estrutura foram tão boas como as melhores que encontram em qualquer parte do mundo, e felicitamo-nos pela excepcional qualidade do seu trabalho.

Talvez não todos nós possamos ser perdoados pelo orgulho que nos dá o facto de os nossos esforços se

terem combinado de um modo tão harmonioso e tão positivo que conseguimos terminar o nosso trabalho bem antes do termo primitivamente estabelecido para a finalização desta ponte.

Sob um ponto de vista histórico, descobri uma outra fonte de satisfação pessoal por estar hoje aqui. Há cerca de 500 anos, corajosos navegadores como Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães partiram destas praias e abriram um novo mundo ao comércio e a cultura, que nessa época levantaram bem alto o nome de Portugal. Encontramo-nos agora aqui como um dos milhões de homens, mulheres e crianças, beneficiários desse comércio temporário, e os orgulhosos herdeiros dessa cultura. É um adequado volte-face do destino que nós, vindos desse novo Mundo, por nossa vez, no auxílio da abertura de novas áreas de Portugal para o contacto mais próximo e mais pronto com o dinamismo da cultura e do comércio que tanto põem em evidência a Lisboa de hoje.

Ligando Lisboa com uma área que até agora se tornava difícil alcançar por terra, esta nova ponte breve nos horizontes — sob os pontos de vista figurado e literal — a todo o Portugal, devendo trazer uma nova e ainda maior unidade a todos os portugueses.

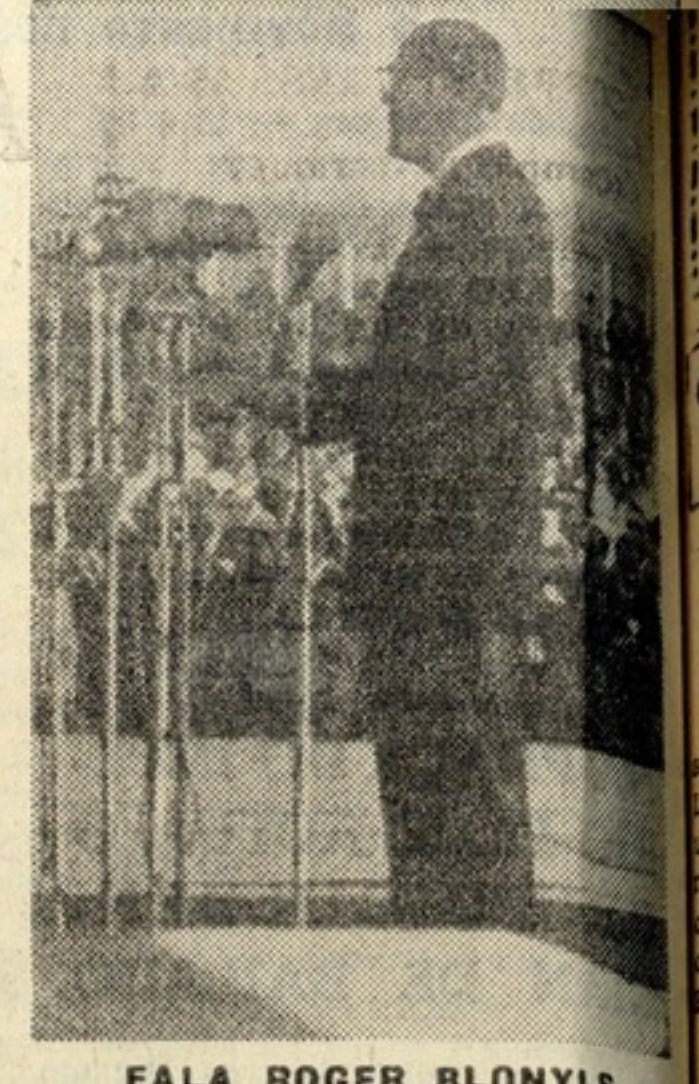
É curioso como monumentos feitos pelo mão do homem conseguem simbolizar algumas das maiores cidades do mundo. A estátua da Liberdade, por exemplo, e o Empire State Building tornaram-se os símbolos de Nova Iorque e a Torre Eiffel é o símbolo de Paris. Creio que, do mesmo modo, este estreito arco de aço que atravessa o Tejo — juntamente com a figura inspiradora do Cristo Rei que o domina — se tornará no futuro o símbolo de Lisboa — não só para os viajantes do mundo mas para as gerações de crianças que aqui e noutros países se debruçam sobre os seus livros de Geografia.

Assim e novamente, permito-me a Sr. Presidente, que exprima o meu agradecimento por ter sido convidado para participar nestas felizes acções. E permita-me V. Ex.ª que exprima igualmente, o desejo de que esta magnífica ponte continue a ser — como já o é — um laço que faça com que o futuro os povos dos nossos dois países se aproximem cada vez mais. — Obrigado.

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)

ESTA PONTE PASSARÁ A SER O SÍMBOLO DE LISBOA

— afirmou o director da United States Steel



FALA ROGER BLONLYS

terem combinado de um modo tão harmonioso e tão positivo que conseguimos terminar o nosso trabalho bem antes do termo primitivamente estabelecido para a finalização desta ponte.

Sob um ponto de vista histórico, descobri uma outra fonte de satisfação pessoal por estar hoje aqui. Há cerca de 500 anos, corajosos navegadores como Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Fernão de Magalhães partiram destas praias e abriram um novo mundo ao comércio e a cultura, que nessa época levantaram bem alto o nome de Portugal. Encontramo-nos agora aqui como um dos milhões de homens, mulheres e crianças, beneficiários desse comércio temporário, e os orgulhosos herdeiros dessa cultura. É um adequado volte-face do destino que nós, vindos desse novo Mundo, por nossa vez, no auxílio da abertura de novas áreas de Portugal para o contacto mais próximo e mais pronto com o dinamismo da cultura e do comércio que tanto põem em evidência a Lisboa de hoje.

Ligando Lisboa com uma área que até agora se tornava difícil alcançar por terra, esta nova ponte breve nos horizontes — sob os pontos de vista figurado e literal — a todo o Portugal, devendo trazer uma nova e ainda maior unidade a todos os portugueses.

É curioso como monumentos feitos pelo mão do homem conseguem simbolizar algumas das maiores cidades do mundo. A estátua da Liberdade, por exemplo, e o Empire State Building tornaram-se os símbolos de Nova Iorque e a Torre Eiffel é o símbolo de Paris. Creio que, do mesmo modo, este estreito arco de aço que atravessa o Tejo — juntamente com a figura inspiradora do Cristo Rei que o domina — se tornará no futuro o símbolo de Lisboa — não só para os viajantes do mundo mas para as gerações de crianças que aqui e noutros países se debruçam sobre os seus livros de Geografia.

Assim e novamente, permito-me a Sr. Presidente, que exprima o meu agradecimento por ter sido convidado para participar nestas felizes acções. E permita-me V. Ex.ª que exprima igualmente, o desejo de que esta magnífica ponte continue a ser — como já o é — um laço que faça com que o futuro os povos dos nossos dois países se aproximem cada vez mais. — Obrigado.

(CONTINUA NA 5.ª PAGINA)

PONTE SALAZAR: O SONHO EM REALIDADE

(CONTINUAÇÃO DA 5.ª PAG.ª)

Administração Pública, pôs o actual Ministro das Obras Públicas o melhor da sua inteligência e esforço para que a ponte sobre o Tejo pudesse vir a ser uma realidade, e os colaboradores que chamou para seu lado ficaram-lhe imensamente gratos pela sua superior orientação e pelo ambiente amigável que sempre soube criar à sua volta.

Finalmente, desejamos agradecer aos órgãos de Informação — a Imprensa, a Rádio e a Televisão — pela portância que tem continuado a cobertura que deram à construção da Ponte sobre o Tejo e a sua alta compreensão em todos os momentos desta batalha para erguer a obra, sem esquecermos as críticas e sugestões que nos fizeram e que, no seu conjunto, consideramos uma valiosa colaboração que nos foi prestada.

Sr. Presidente da República: Daqui a momentos vai V. Ex.ª entregar à Nação uma notável obra de Engenharia do nosso tempo. Neste momento solene, nós desejamos pedir que ela seja considerada muito mais do que uma bela obra que um Governo ciente das suas altas responsabilidades tornou possível — desejamos que esta obra seja considerada, como um verdadeiro símbolo da confiança que nós, portugueses,

temos em nós próprios para planejar e realizar as nossas obras, por maiores que elas sejam, em todas as circunstâncias da vida nacional. Desejamos, também, que esta obra venha a ser considerada pelas gerações futuras não só um valioso instrumento de trabalho da nossa geração, mas também uma verdadeira mensagem que lhe deixamos — mensagem de fé que temos nos destinos da nossa Pátria.

blicas, o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e a Junta Autónoma de Estradas. Ao proferir estas palavras o meu pensamento dirige-se necessariamente ainda para os meus ilustres colegas do Governo, pedindo-lhes para citar especialmente a decisiva contribuição prestada pelo Ministério das Finanças, sob a orientação inicial do Professor Pinto Barbosa, continuada em termos penhorantes pelo actual Ministro e seus mais directos colaboradores, e ainda pelos Ministérios das Comunicações e Corporações, a cujos ilustres titulares esta realização tanto ficou devendo.

Minhas Senhoras e meus Senhores: Por breves que tenham de ser as minhas palavras, não poderia deixar de sublinhar a extraordinária importância de que a tantos títulos se reveste a obra hoje concluída. Da sua envergadura como realização técnica sabe o País, que acompanhou dia a dia a sua execução com um interesse e um carinho verdadeiramente impressionantes, e suficiente ao seu sentimento de orgulho perante esta obra, a maior obra pública realizada em qualquer época em Portugal, e uma das mais arrojadas no seu género em todo o Mundo.

tornar-se insustentáveis em futuro próximo se entretanto não tivesse sido possível assegurar a sua resolução. A verdadeira importância económica da obra está longe, todavia, de confinarse nos aspectos mais espectaculares de todos bem conhecidos. É que a justificação e desta envergadura não pode buscar-se apenas na ponderação das necessidades reveladas. É preciso ir mais longe e ler no futuro a expressão real dos interesses do País e das conveniências do seu progresso, para se poderem avaliar com justiça a sua oportunidade e o seu merecimento.

ESTA GRANDIOSA OBRA FICARÁ PARA OS VINDOUROS COMO O MAIS ELOQUENTE SÍMBOLO DE UMA ERA DE ENGRANDECIMENTO

— afirmou o Ministro Arantes e Oliveira

O Ministro das Obras Públicas, Sr. Eng.º Arantes e Oliveira, proferiu a seguinte oração, plena de significado político:

«Vive hoje a Nação Portuguesa um dia de glória com a conclusão deste empreendimento, grandioso na sua envergadura e nos benefícios que dele se podem esperar para todo o País.

A aspiração de muitas gerações, insatisfeita durante quase um século de repetidas tentativas, tornou-se finalmente em realidade — nesta magnífica realidade que temos diante de nós.

Humildemente agradeço à Providência ter-me permitido viver este momento que, se é de intenso júbilo para todos os portugueses, é também de profunda emoção para muitos de nós aqui presentes, pelo que significa de feliz coroamento de muitos anos de porfiada luta pelo objectivo agora definitivamente conquistado.

Merecia de certo o acontecimento, pela singular importância de que se reveste, o relevo que quisemos imprimir à sua comemoração e, particularmente, a esta cerimónia inaugural para cuja solenidade contribui no mais elevado grau a presença de tão ilustres individualidades, a quem peço venha para dirigir as minhas respeitosas e reconhecidas saudações.

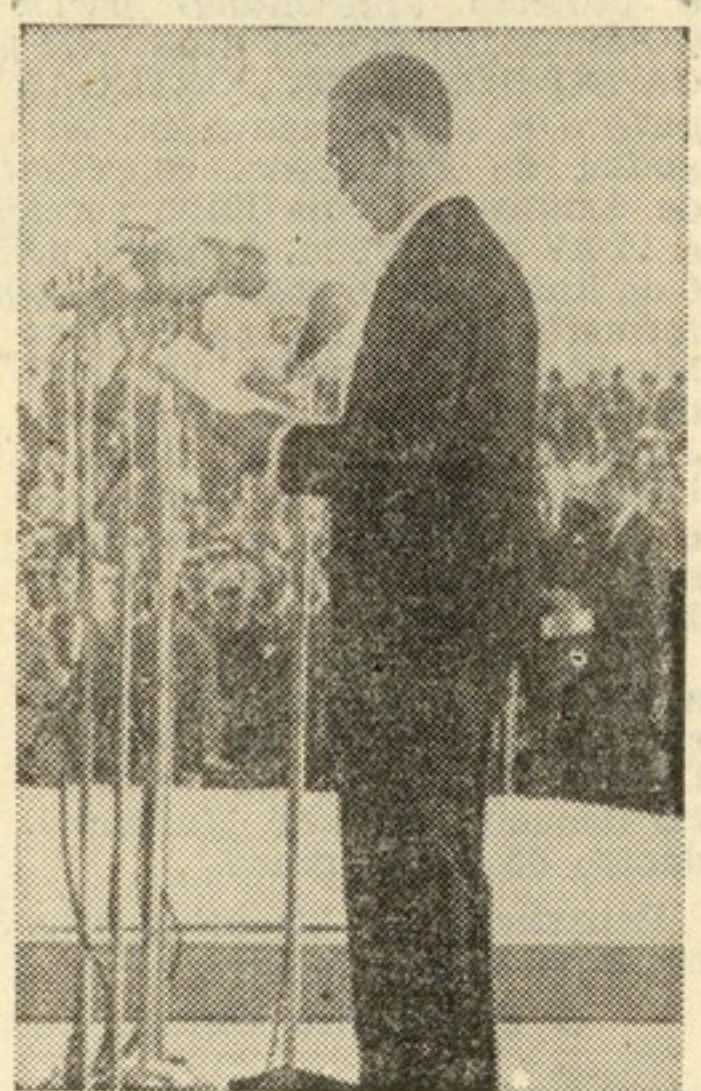
São estas devidas em primeiro lugar, a V. Ex.ª, Sr. Presidente da República, como preito de homenagem não só ao insigne Chefe do Estado que a Nação unanimemente venera e que conquistou de há muito o coração de todos os portugueses, mas também à personalidade que a este empreendimento dedicou desde o primeiro instante desvelada atenção, concedendo a sua estimulante presença em todas as fases mais notáveis da obra, partilhando fadigas e riscos com os responsáveis pela sua execução e a todos dando provas penhorantes de carinho e interesse pelo seu labor que não poderiam ser esquecidas neste momento.

Ser-me-á permitido destacar ainda nas minhas saudações a pessoa de Sua Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho, cuja tão apreciada presença tem para nós o mais desvanecedor significado, já que tantas vezes houvermos de lamentar a impossibilidade de o termos conosco nos actos inaugurais dos nossos trabalhos, para lhe testemunharmos pessoalmente, como agora o fazemos, o nosso profundo apreço e merecido reconhecimento e para lhe reafirmarmos de viva voz a nossa incondicional dedicação.

Evocação do primeiro homem que sonhou a ponte

Vão passados precisamente noventa anos sobre a data em que o Engenheiro Miguel Pais, a cuja memória rendemos a homenagem devida ao técnico distinto e ao esforçado pioneiro, apresentou à Associação dos Engenheiros Cívicos Portugueses a primeira sugestão de atravessamento do estuário do Tejo por meio duma ponte que haveria de prolongar até Lisboa as comunicações do sul e sueste do País. Se não logrou êxito esta primeira tentativa, pertence-lhe pelo menos o mérito de ter despertado um interesse por este problema que depois não mais se extinguiu. Que assim é, comprovam-no os numerosos estudos ou simples alvites que desde então foram dedicados a este tema, mantendo sempre bem viva na Nação a consciência da sua actualidade e da sua importância.

Ao percorrermos hoje a extensa bibliografia constituída por tantos trabalhos de merecimento variável e pelos pareceres, comentários e críticas que se lhes referiram, o primeiro sentimento será certamente de respeito e de apreço pelos autores destes denodados esforços. Não poderão deixar de nos impressionar,



DISCURSA O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

porém, certos aspectos sistemáticos de tão persistente movimento de interesse em torno da importante questão. Referimo-nos em primeiro lugar ao papel predominante — e mesmo exclusivo, até aos nossos dias — que nele desempenharam as iniciativas particulares. Difícilmente se descobriam nomes de governantes ou simplesmente de políticos responsáveis no extenso rol de individualidades de cuja intervenção temos notícia.

Outro aspecto impressionante reside na singularidade dos estudos básicos, técnicos e económicos, em que se apoiaram os autores dos trabalhos apresentados, que assim ficavam expostos sem defesa possível às críticas, algumas bem merecidas, e às dúvidas da Nação quanto à executabilidade prática das suas sugestões.

Assim foi a história do magnífico empreendimento até aos nossos dias. Só em 1933 se registou a primeira iniciativa do Governo, por intermédio do Ministro Duarte Pacheco, traduzida no conhecido projecto da ponte entre o Beato e o Montijo, que só o condicionamento adverso criado pela iminência da última Grande Guerra impediu que fosse levado por diante.

Desde então não mais perdeu o Governo o comando sereno e ponderado do importante assunto, atento à oportunidade de retomar a sua consideração. Tal oportunidade viria a resultar, por um lado da pressão das circunstâncias criadas pelo próprio desenvolvimento geral do País e da visão cada vez mais nitida das conveniências do seu progresso, por outro lado da crescente maturidade da Nação para defrontar os seus maiores problemas e para vencer as dificuldades técnicas e financeiras que são sua inerência fatal.

Assim chegámos à fase que hoje se dá por encerrada tão auspiciosamente e cuja característica muito louvável está no método e na segurança exemplares com que se trabalhou durante treze anos, que tantos são os que nos distanciam na data da portaria dos Ministros das Obras Públicas e das Comunicações de então, Engenheiros José Frede-

rico Ulrich e Manuel Gomes de Araújo, criando em 1933 a Comissão de estudo presidida pelo Engenheiro Barbosa Carmona em cujo valiosíssimo relatório apresentado três anos depois, na síntese do Engenheiro Guimarães Lobato, se apoiou a decisão do Governo de dar execução ao grande empreendimento. Cabe aqui sublinhar a contribuição decisiva do Professor Marcello Caetano, como Ministro da Presidência, para o bom encaminhamento final dos propósitos do Governo.

Com a abertura do concurso Internacional para a adjudicação da obra em 27 de Abril de 1959, ficava o empreendimento lançado na sua feliz trajetória final. Em 28 de Maio de 1960, após prolongado exame do Conselho de Ministros, em 15 horas quase consecutivas de exaustivo trabalho, sobre o parecer da ilustre comissão de apreciação das propostas da presidência do Engenheiro Duarte Abecasis e o extenso relatório do Ministro das Obras Públicas, foi dado o público despacho de adjudicação proferido por Sua Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho.

Dois anos depois, prazo necessário para a elaboração do monumental projecto definitivo, em que o valor e o prestígio da técnica nacional tão alto se cotaram, convertiase em definitivo o contrato com a firma adjudicatária. Os trabalhos tiveram início em 10 de Janeiro de 1963, prevendo-se que iriam durar quatro anos e meio. Concluem-se hoje com uma antecipação de largos meses sobre a previsão.

Esta, em rápida síntese, a história da grande obra que neste momento tenho o alto privilégio de entregar à Nação; história exemplar em que não é possível assinalar um desvio do bom rumo, apesar das vicissitudes e das dificuldades que no mais elevado grau inevitavelmente concorrem nos empreendimentos desta natureza e envergadura, situados na fronteira do progresso técnico e da capacidade de realização do homem.

Nestas singelas palavras se contém o maior elogio que podíamos fazer às entidades que intervieram na realização dos desígnios do Governo. Não é possível levar suficientemente longe a citação de tais entidades, para além das que ficaram já expressamente referidas, para traduzirmos com justiça a admiração e o reconhecimento devidos ao seu esforço e à sua competência. Temos porém de reservar um lugar muito especial na expressão destes sentimentos para o Gabinete da Ponte sobre o Tejo, organismo constituído expressamente no Ministério das Obras Públicas para dar execução à decisão do Governo e em boa hora confiado à direcção do Engenheiro José do Canto Meniz, cuja brilhante actuação nesta obra tem o mais justo prémio no prestígio que conquistou perante a Nação e no conforto moral que hoje há-de sentir, e com ele os seus ditos colaboradores, ao ver cumprida com tão assinalável êxito a sua árdua missão.

Queremos deixar registado o valor da contribuição que para este desfecho feliz teve o ambiente de relações cordiais e de franca cooperação que rodeou este magno empreendimento em todas as suas fases e em todos os níveis das diligências para a sua efectivação. A fazer esta rápida referência não poderia deixar de salientarmos com o merecido apreço e reconhecimento a colaboração prestada pelos orga-

nismos financiadores, o Export-Import Bank de Washington, e o Banco Seligman, de Paris, cujos ilustres presidentes tenho muito gosto em saudar neste momento.

Sirvo-me ainda do ensejo para dirigir também as minhas vivas saudações aos altos dirigentes da empresa adjudicatária, a United States Steel International, que na execução deste empreendimento reafirmou a razão de ser do lusoengenhário em que é tida em todo o Mundo, e bem assim às suas associadas nacionais e estrangeiras, sendo de evidente justiça salientarmos a forma impecável com foi dada execução ao contrato, do que resulta não haver a registar senão aspectos da mais leal e afectuosa colaboração no esforço comum para o bom êxito final desta obra.

Gratidão e louvor aos Municípios de Lisboa e de Almada

Dedicarei também uma singela palavra de gratidão e de louvor à excelente colaboração oferecida pelas Câmaras Municipais de Lisboa e de Almada e demais organismos e entidades que intervieram neste empreendimento, entre os quais são de destacar, a Administração-Geral do Porto de Lisboa e, dentro do próprio Ministério das Obras Pú-

HELICÓPTEROS DA FORÇA AÉREA E NAVIOS DA ARMADA FIZERAM ESCOLTA AO CORTEJO PRESIDENCIAL

Eram treze horas e quatro minutos. O automóvel presidencial entra na parte. Ainda há bombas-correias a esvoaçarem no espaço, atordoados pelo eco dos foguetes e das salvas disparadas pelos barcos de guerra, em honra do supremo magistrado da Nação.

O carro presidencial, seguido de outros, com sua esposa e filhas e elementos das suas Casas Civil e Militar, do automóvel do Chefe do Governo e de outros com entidades nacionais e estrangeiras, roda vagarosamente. Sobre eles passam, veozmente, sete aviões a jacto da Força Aérea e, como escolta, três helicópteros.

Tradicional saudação dos marinheiros da «Sagres»

O navio-escola «Sagres» está sob a ponte, levando na sua estercira os escoltadores «Diogo Cão» e «Correia». A comandar esta força naval o Capitão-de-Fragata Peixoto Correia. Ao longo dos dois escoltadores viam-se as guarnições estendidas em continência e na «Sagres» os marinheiros, nas vergas dos mastros, todos em uníssono a gritar a tradicional saudação.

Mas o rio estava também embelezado com outros navios, de recreio, de pesca e de passageiros, todos igualmente embelezados em arco, cheios de gente que se agitava com entusiasmo, vibrando com aqueles que de terra acompanha-

Deste tão importante benefício irá participar a província algarvia

Deste tão importante benefício irá participar a província algarvia, para cujo desenvolvimento, tão prometedora e orientado, não poderemos deixar de prestar valiosa contribuição e encurtamento, no espaço e no tempo, da distância à capital.

Mais perto de nós, e votada certamente a uma rápida evolução, temos esta Península de Setúbal para a qual a partir de hoje se irão rasgar novas e prometedoras perspectivas de valorização dos seus excepcionais recursos, até agora a bem dizer em estado potencial.

Para nascente e para norte da auto-estrada cujo primeiro troço já está construído e que virá a prolongar-se até ao Algarve e à fronteira ficaria criada as melhores condições para a instalação de grandes centros industriais, que se há-de valorizar ainda com a construção das novas comunicações por estrada, e por caminho de ferro já planificadas, com a reestruturação do porto de Lisboa que a Ponte irá proporcionar e com a construção do canal Tâmega-Sado.

Para poente e para sul do mesmo eixo fundamental iremos ver mobilizada em ritmo veloz a singular vocação desta zona para o desenvolvimento turístico, suburbano embora à cadência de execução das infra-estruturas indispensáveis, como complemento natural da grande ponte, e de que o primeiro elemento é constituído pela auto-estrada transversal que, graças à notável diligência da Junta Autónoma de Estradas, se torna possível considerar hoje também inaugurada.

Concluindo, direi que não é possível nenhum esforço de imaginação para prever o que será dentro de poucos anos toda esta área tão beneficiada pela Natureza, agora tratada para a vizinhança imediata de Lisboa. Para que tão aliciantes perspectivas sejam aproveitadas não há-de deixar de surgir, como já está surgindo em escala crescente, e em iniciativas particulares, só há-de deixar de orientá-las da melhor forma para que delas se extraia o desejado proveito. O Estado e as Câmaras Municipais terão a cumprir uma missão importante que, com a legislação especial já promulgada, como também com a aprovação do plano director do desenvolvimento da região de Lisboa, apenas dependente do duto projectado da Câmara Corporativa, e dos planos urbanísticos complementares que estão elaborados para as áreas mais sensíveis situadas na zona de influência da ponte, incluindo a Serra da Arrábida — precioso tesouro que temos de proteger a todo o custo.

Eis rapidamente esboçada a transcendente importância desta obra para o futuro da Nação. Graças a ela não mais este Tejo será um obstáculo ao progresso e ao engrandecimento dum país importante do País — um senão que até nos nossos dias ensombrava a sua gloriosa história e os seus tão valiosos predícos.

(CONTINUA NA 7.ª PAGINA)

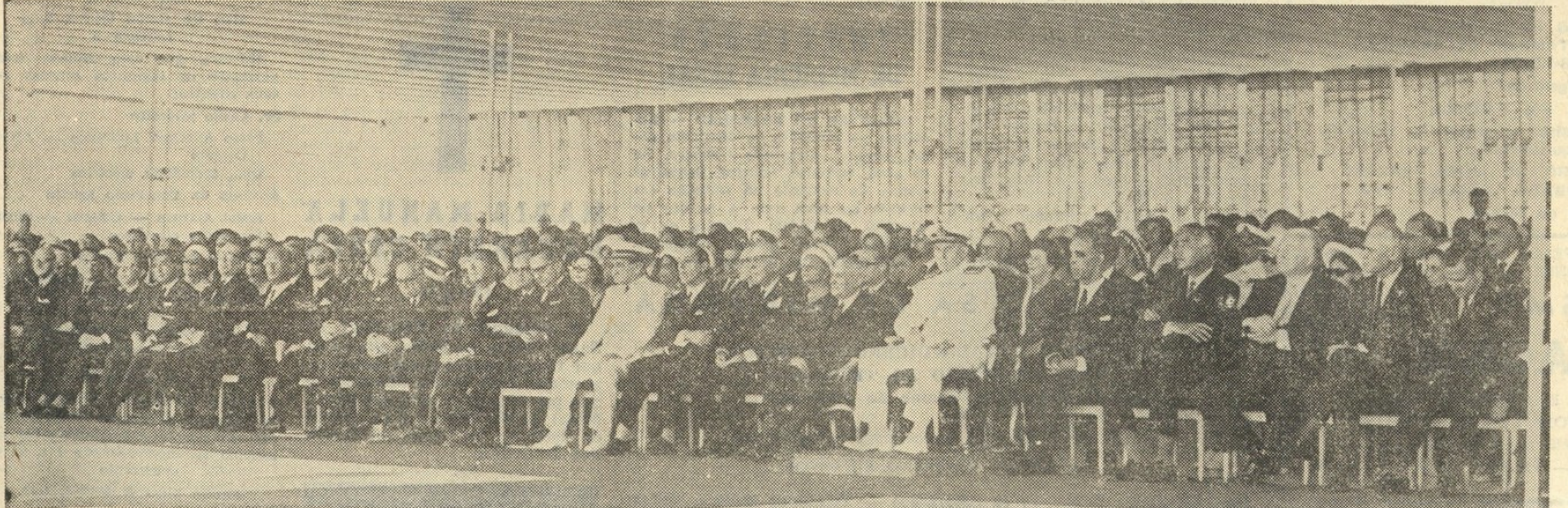
Estoiram foguetes e morteiros na cidade

É atingida a margem norte. No cossario do Vale de Alcântara há

vam todos os actos comemorativos de tão arrojada obra, que tanto virá a contribuir para o progresso da Nação.

Ao lado do Presidente da República, o Sr. Eng.º Arantes e Oliveira, acompanhando-o a pé, de sul para norte, numa demonstração dessa segurança, que tanto alento deve ter dado a quantos trabalhavam neste grandioso empreendimento, completado quando a Nação comemorava 40 anos de vida da Revolução Nacional.

Depois, o cortejo, uma vez atingida a auto-estrada, percorre outros arnuamentos de acesso à ponte. Por todos os lados o povo, entusiasmado, aclamava o Presidente da República e Salazar, a quem a Nação deve todo este momento de alegria e grandeza.



A TRIBUNA PRESIDENCIAL

O MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS INAUGURA A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DA PONTE SALAZAR

Para nascente e para norte da auto-estrada cujo primeiro troço já está construído e que virá a prolongar-se até ao Algarve e à fronteira ficaria criada as melhores condições para a instalação de grandes centros industriais, que se há-de valorizar ainda com a construção das novas comunicações por estrada, e por caminho de ferro já planificadas, com a reestruturação do porto de Lisboa que a Ponte irá proporcionar e com a construção do canal Tâmega-Sado.

Estoiram foguetes e morteiros na cidade

É atingida a margem norte. No cossario do Vale de Alcântara há

A AMEAÇA DE UM FLAGELO

PROCURA-SE EVITAR A EUROPA O PERIGO DA FEBRE AFTOSA

A febre aftosa que em muitos países, principalmente em África e no Oriente da Europa, tem dizimado milhões de cabeças de gado...

Contando a Europa com 575 milhões de cabeças de gado, seria fácil presa de tão terrível doença...

Assim, uma equipa de cientistas da F.A.O., acompanhados pelo Dr. Henri Girard, perito desta organização...

Além das vacinas, a F.A.O. oferece «jeeps» e outros veículos postos à disposição das equipas de vacinação referidas.

Com esta acção, a F.A.O. pretende evitar uma autêntica catástrofe, que inevitavelmente se verificaria se o terrível mal passasse para o centro da Europa...

«Em princípio só devíamos combater uma única forma exótica da doença, o vírus africano, dito «SAT-1»...

Trata-se, actualmente de um problema de dinheiro. As 600 mil doses de vacina de que dispomos...

Mas o Ministro do Interior Roy Jenkins — com especial responsabilidade no caso, visto o assunto correr pela sua pasta — tomou calorosamente a defesa do projecto...

Mais adiante, o colaborador de Notícias escreve: Se se admite com tanta facilidade o aborto...

«Progresso» e negação da lei moral

A propósito da nova lei inglesa sobre o aborto, aprovado pelos Comuns a 23 de Julho p.p., que legaliza, além do aborto chamado terapêutico...

Mas o Ministro do Interior Roy Jenkins — com especial responsabilidade no caso, visto o assunto correr pela sua pasta — tomou calorosamente a defesa do projecto...

A estátua do Condestável e sua localização

Na República, o General Ferreira Martins formula algumas considerações acerca da estátua do Condestável...

são dos doentes incuráveis, dos loucos, dos inválidos e dos velhos, que constituem peso para a família ou para a sociedade...

E conclui: Deste modo a Inglaterra, como outros países que se dizem progressivos...

Quer aludir o historiador ao facto de Nun'Alvares ter feito apelar a sua cavalaria para receber «por terra» (a pé) a cavalaria castelhana...

Não se pode negar que a observação tinha séria razão de ser. Mas optou-se pela estátua equestre...

Se a preferência dada à estátua equestre teve como explicação o dar maior imponência à figura do Condestável...

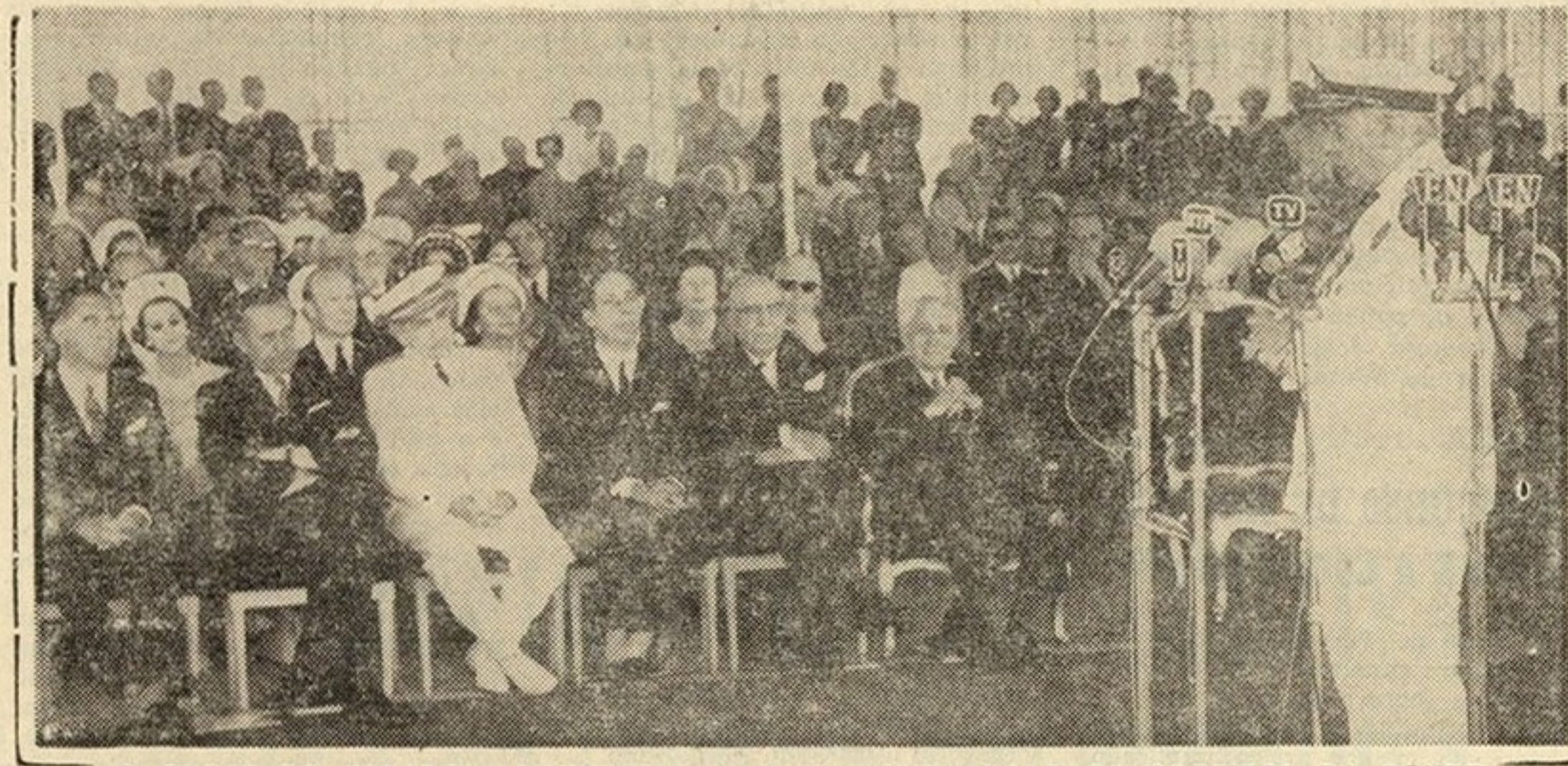
Embora muitas vezes a honra dos deuses, para não tornar-

INAUGURAÇÃO DA PONTE SALAZAR

(CONTINUAÇÃO DA 6.ª PÁG.)

ca de tão grandioso empreendimento, também os homens que o levaram a cabo poderiam sentir-se tentados a interrogar a consciência...

Hão-de tranquilizá-los, porém, as belas e luminosas palavras de Sua Eminência o Sr. Cardeal-Patriarca de Lisboa...



O CHEFE DO ESTADO MOMENTOS ANTES DE CONDECORAR OS OBRZEIROS DA PONTE

Escritura, de sujeitarem e dominarem a Natureza para bem dos seus semelhantes. «O progresso humano — disse Sua Eminência — glorifica ao mesmo tempo Deus e o Homem...

Por isso, do mesmo passo que dizijo a Sua Eminência os meus mais respeitosos cumprimentos e agradecido reconhecimento a sua tão honrosa presença...

Luz na Catedral, e que maravilhosa luz derramando-se nas naves. O poder simbólico dos vitrais não nos abandona na contemplação em que os olhos se deixam envolver.

E a luz vinha fixar-se no friso admirável das esculturas, tão perto de nós, numa intimidade tão comunicativa que nos abria o coração aos estímulos da graça.

Muitos turistas não eram crentes, mas notava-se a seriedade impressionante como contemplavam as mais belas manifestações da Arte.

Tudo em Chartres se eleva para Deus num vivo de mistério e claridade. Péguy por aqui peregrinou e rezou a sua prece a Nossa Senhora de Chartres:

Étoile du matin, inaccessible reïne, Voici que nous marchons vers votre illustre cour, Et voici le plateau de notre pauvre amour, Et voici l'océan de notre immense peine.

Nas traseiras da catedral, instalado no antigo paço episcopal, encontra-se o Museu de Chartres. Visitamo-lo a fugir, mas ainda tivemos ocasião de admirar formosas peças de cerâmica e mobiliário, esmaltes, estátuas do século XIII, Frei Angelico, Purvis de Chovannes, Terniers, Holbein. O museu é rico e variado nas suas colecções.

Desfruta-se dali um panorama vasto. Chartres, moderna, estende-se. Mas as árvores e o jardim que rodeiam o palácio, deram-me repouso aos olhos cansados.

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA

POSTAIS ILUSTRADOS ROMAGEM A CHARTRES

DE Reuil a Chartres são talvez uns oitenta quilómetros por uma estrada magnífica em que os autos deslizam vertiginosamente.

O movimento de autos é intenso. A velocidade não nos permite compreender certos pormenores, espécie de filme sem legendas, e correr na bobina num ritmo que os nossos olhos não acompanham.

A motorista, calma, atenta, manobrava com segurança o volante. Lamos confiados na sua pericia.

Confiado, tentava fixar pormenores que fugiam, mas, na verdade, o que mais me preocupava era a chegada a Chartres, cuja Catedral eu trazia na memória, imagem que de há muito eu gravara na retina.

O carro meteu por ruas estreitas, na cidade velha, e demos com uma igreja que nos obrigou a parar, tal o interesse da sua fábrica.

Uma senhora de idade, sentada num banco, à sombra duma velha árvore, fazia pacientemente bordados.

Perguntámos-lhe pela igreja. Respondeu-nos: S. Pedro.

A visita a Chartres foi resolvida à última hora e não houve tempo para colher as mais ligeiras informações.

S. Pedro é, na verdade, uma igreja imponente, austera, mas exigindo restauro. Surpreendunos aquele desmazelo que não se compadece com o seu valor artístico e dignidade de casa do Senhor.

A visita rápida, pois a ansiedade era enorme para ver a Catedral, cujas pedras se incrustam na História da França.

A ESTRUTURA METALICA DA PONTE SALAZAR

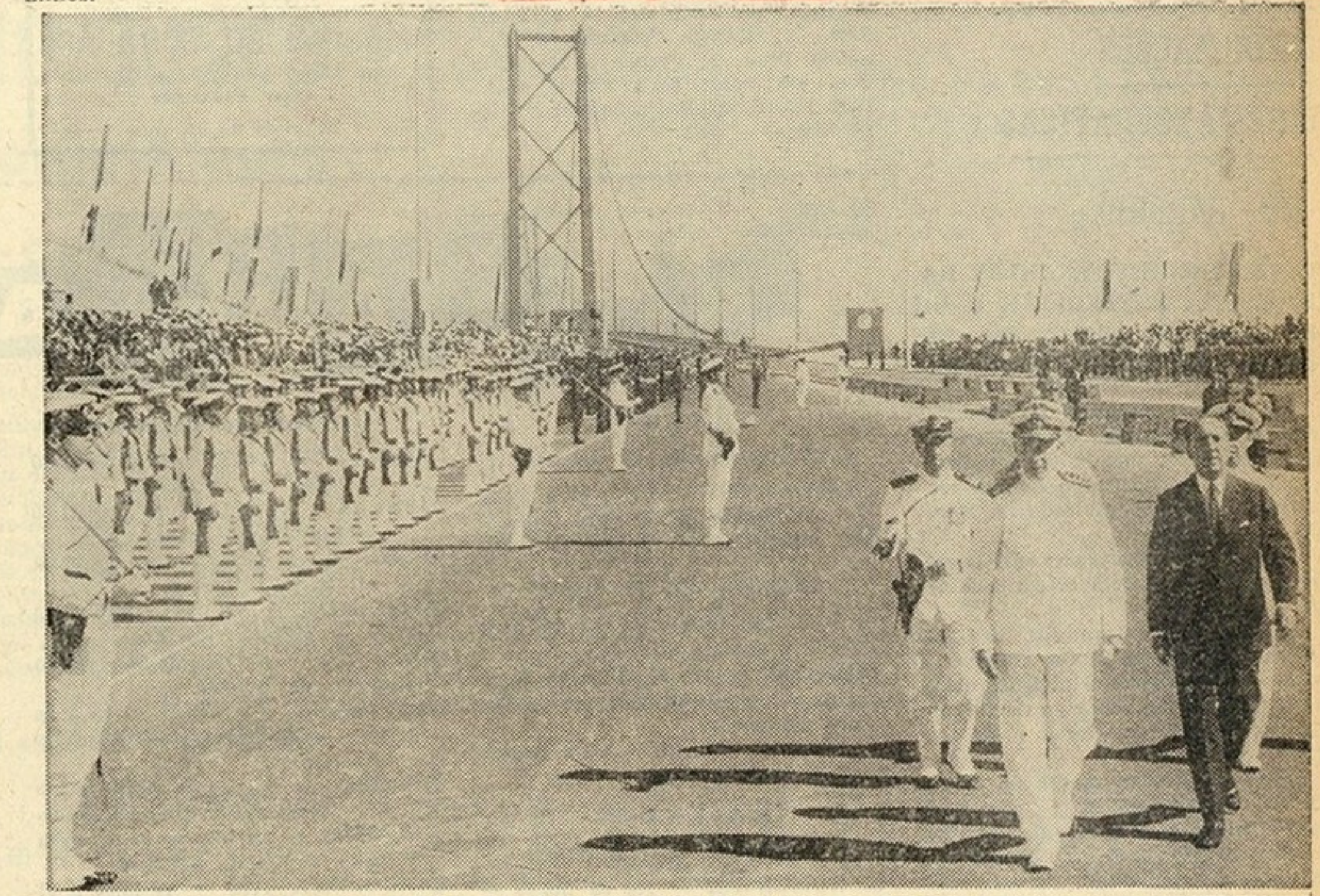
Sentimento de gratidão a quem dá o nome à nova ponte

Aos sentimentos bem legítimos de orgulho nacional, de confiança nas nossas próprias possibilidades e de fé inabalável nos nossos destinos que esta obra despertará em todos os portugueses, não poderia, porém, deixar de ficar associado o sentimento de gratidão, expressivamente traduzido no nome por que doravante esta ponte será designada, em interpretação da vontade nacional que ao ministro responsável compete atender, no uso de indeclináveis prerrogativas.

Que os benefícios para o País desta grandiosa obra possam vir a corresponder à distinção que lhe confere tão alto patrocínio são os votos bem sinceros com que termino.

J. P. D'ASSAC

- (1) Paris, 1966. Edição de Plon. (2) Paris, 1966. Edição de Gallimard. (3) Paris, 1966. Edição de Plon.



O CHEFE DO ESTADO AO ENCAMINHAR-SE PARA A TRIBUNA DE HONRA

recortes

opinião no facto de ter ele sido o primeiro que «de memória de homens — escreveu Fernão Lopes — até esse tempo fez batalha em Portugal por terra e venceu».

Quer aludir o historiador ao facto de Nun'Alvares ter feito apelar a sua cavalaria para receber «por terra» (a pé) a cavalaria castelhana...

Não se pode negar que a observação tinha séria razão de ser. Mas optou-se pela estátua equestre e, como escreve o General Ferreira Martins, seja... Mas — acrescenta — outro problema é o da sua localização:

Se a preferência dada à estátua equestre teve como explicação o dar maior imponência à figura do Condestável (partindo da hipótese de que a imponência do cavalo não ofusca aos olhos do público a figura do cavaleiro) a sua prevista colocação na Pra-

ça da Figueira não me parece que contribua para o mesmo fim. Não sei qual o arranjo arquitectónico que a Câmara Municipal pensa dar à Praça da Figueira para a tornar digna de enquadrar a estátua de Nun'Alvares (...). Mas qualquer que ele seja, a estátua não deixará de ficar enterrada, sem a beleza que lhe daria, a meu ver, a sua colocação no Alto da Avenida da Liberdade.

A figura de Nun'Alvares, uma das maiores da nossa História — esse grande Perreira, como lhe chamou Camões — é merecedora de tal veneração que para a sua estátua deveremos escolher o local mais imponente que se ofereça na nossa actual grande cidade de Lisboa.

Não podemos eximir-nos a apoiar as considerações do General Ferreira Martins, análogas às que formulámos quando o caso foi discutido.

O costumeiro instrumento

Embora muitas vezes a honra dos deuses, para não tornar-

mos demasiado monótonos estes comentários, a Democracia do Sul constitui sempre um manancial de primarismo e demagogia. Assim, por exemplo, referindo-se às conversações que, à margem da última reunião dos Ministros da Defesa da O.T.A.N., os responsáveis Inglês e norte-americano tiveram com o seu colega alemão, logo nas primeiras linhas manifesta os sentimentos que a animam ao escrever dest'arte:

McNamara, o famigerado Secretário da Defesa dos Estados Unidos...

Mas, é claro, as gentilezas do jornal borense não ficam por tão pouco, e o jogo val descobrir-se logo depois. Como nesses diálogos, travados durante refeições de trabalho, e tratou de equipamentos militares e da manutenção do Exército Inglês do Reno, acrescenta:

No decurso destas duas refeições, sobressai o facto dos grandes industriais armamentistas e outros a eles estreitamente associados, continuarem a desejar colher fabulosos lucros, sob a falsa consigna da salvação do cha-

A BATALHA DAS IDEIAS LEITURAS

LES DEUX VILLES (1), de Mário Soldati, são Turim e Roma, e são também duas épocas: o começo do século e Roma antes da última guerra.

Soldati, que está classificado à esquerda, quis opor entre si o «Movimento» e a «resistência», o progresso e o futuro. Os velhos temas eternos da literatura progressista em que se vê, finalmente, que não se trata senão de jovens que mal chegaram à idade madura. Soldati quis intercalar no seu livro uma crítica ao fascismo, mas não sei como é que ele se houve, que o único personagem simpático e lógico, na sua história, é justamente o fascista. O que merece reter-se deste grosso volume de mais de 500 páginas, é apenas a descrição da vida da burguesia turinense no começo do século. Mário Soldati não será nunca bom progressista, pois escreve bem.

Já não digo o mesmo de Maria Madalena Chantal e do seu Clameurs à Caracas (2). Todavia o assunto é interessante: enquanto na Europa as guerras de Napoleão enfurecem, estoura na América do Sul, e particularmente na Venezuela, a revolução de Simão Bolívar. Paixões, suplicios, batalhas, tremor de terra, enforcamentos, coragem indomável dos homens, violência ativa das mulheres, mistério das herdeiras, soldadesca em patuscadas: nada esqueceu a Sr.ª Chantal, e, por isso, é demais.

Só fixei esta frase curta, ao voltar uma página: «em vindo a experiência, aprenderéis a juntar as leis de promessas que não te-reis, mas que terão exercido seus efeitos, no tempo devido. Governar é prometer e enganar».

Pelo menos, a autora não tem ilusões quanto à democracia na América Latina...

Com Une femme soudain (3), de Cristina Lambert, continua-se a estar na América, mas desta feita na do Norte e dos nossos dias. Uma questão trivial entre mãe e filha, ao redor dum homem, mas tudo isto ornado com traços de costumes americanos, que o seguinte diálogo entre Doro e sua mãe resume muito bem: —...Creio que não conheço ninguém que não sofra com a solidão.

— Não exageres um pouco?

— Não creio. Vê as raparigas da minha categoria: bebem e nem sequer procuram saber com quem estão, contanto que não estejam sóas. Mary-Ann muda de tipo de quinze em quinze dias. Sarah e Gennt saem todas as tardes de grande uniforme, para as «boites» de noite...

— E seus pais?

— Nada sabem ou não se importam. Demais, também eles não são felizes, na maior parte dos casos. Aborrecem-se, têm medo de se aborrecerem. Também eles se sentem sóas.

É um fenómeno curioso o sentimento da solidão no meio duma sociedade de multidões. Está-se alguma vez mais só que perdido no meio da multidão?

Os agregados humanos devem formar-se à dimensão do Homem. A evolução da sociedade americana refuta os partidários dos grandes agregados indiferenciados.

J. P. D'ASSAC

- (1) Paris, 1966. Edição de Plon. (2) Paris, 1966. Edição de Gallimard. (3) Paris, 1966. Edição de Plon.

mado «Mundo Livre» da agressão comunista!

A própria terminologia usada é significativa, pois se conhece a propaganda que se utilizava. E aquela consigna, detestável tradução de um termo francês improprio no caso, até ganha um ar de selo de garantia... Será que a Democracia do Sul se conserva inconsolável por a «libertação» haver estacionado no centro da Europa, e tudo serve uma vez que se destine a atacar os desmancha-prazeres responsáveis por tão doloroso evento?

Quanto aos problemas contidos nos factos a que se refere, pelos vistos nem os lobrigou. Não admira, porque a sua cegueira é proverbial; além disso, não é mostrando perspicácia que se actua como instrumento difamatório.

As logomaquias e o imperialismo «europeu»

Em o momento internacional do Diário Popular, Paulo David ocupa-se do acordo sobre a Europa verde, há dias concluído em Bruxelas pelos «Sels», sublinhando que políticos e economistas com perfeito sentido das realidades lhe chamaram histórico. Inoltrre depois do sentido

dessa qualificação e, a propósito, escreve: A agricultura só muito lentamente tem vindo a acompanhar o veloz desenvolvimento das técnicas de produção e comercialização implantadas pela indústria, sofrendo o peso de um enraizamento em tradições de propriedade, de individualismo, e de processos de cultura que as fábricas e o grande comércio tornaram obsoletos, pela demonstrada necessidade de uma cuidada organização do trabalho colectivo, pela aplicação da máquina e da técnica e por uma planificação coordenada das forças de produção.

E acrescenta: A indústria trouxe um novo ritmo e por alguma razão se chamou ao seu nascimento «a revolução» industrial. Lentamente, contrariamente, e agricultura tem sido obrigada a seguir, ainda que de longe, no Velho Continente, esse ritmo. E a consagração desta obediência neste caso acelerada, é o que ressalta do «acordo de Bruxelas» e justifica o termo «histórico» a ele aplicado. Ora a verdade é que são bem diversos os motivos da qualificação evocada, os quais se fundam na impossibilidade de uma construção política se se encontrar resolvido o problema agrícola



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

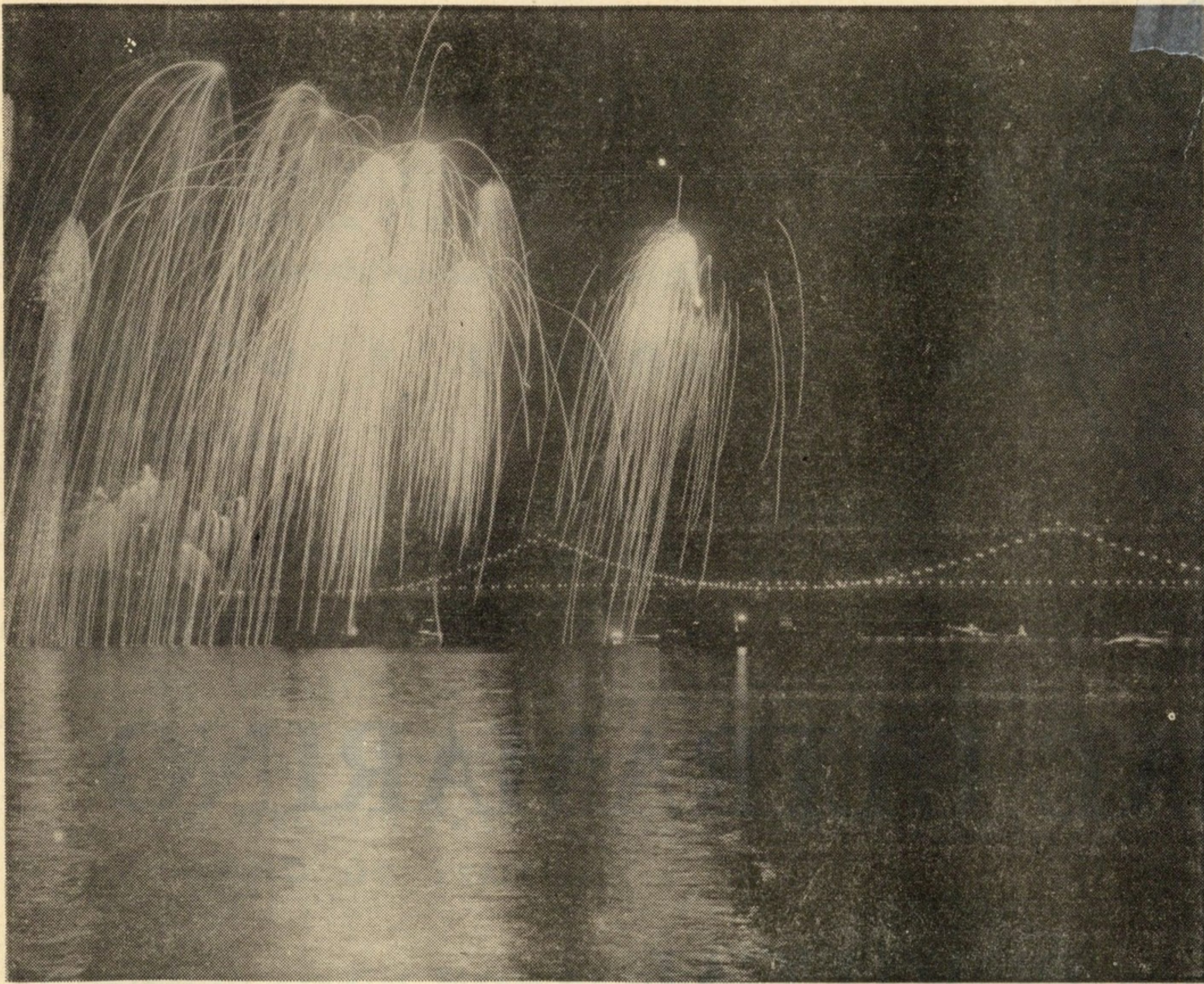
o banco que em PORTUGAL
financiou a construção da

PONTE SALAZAR



O Banco do Povo ao serviço de Portugal

NO TEJO PORTUGUÊS: A DÉCIMA PONTE



A PONTE, FEERICAMENTE ILUMINADA, SERVIU DE FUNDO A SESSÃO MARAVILHOSA DO FOGO DE ARTIFÍCIO, QUE DESLUMBROU A POPULAÇÃO DA CAPITAL

O POVO DE LISBOA veio para a rua continuar à noite o regozijo do grande dia

O povo de Lisboa festejou durante todo o dia de ontem e até de madrugada de hoje o grande acontecimento que foi o da inauguração da Ponte Salazar. Em frente dos Jerónimos cantou-se e dançou-se numa alegria efusiva e os bairros populares iluminaram as suas ruas, mas o grande espectáculo da noite de ontem foi o grandioso fogo de artifício queimado no Tejo.

Desde o Monumento a Cristo Rei até Cacilhas ergueram-se no espaço morrendo no rio, minaretes e minaretes de luzes que o lisboeta contemplou dos pontos mais altos da cidade. Locais houve, como por exemplo no Alto de Santa Catarina onde se aglomeravam alguns milhares de pessoas. Mas não apenas da cidade alta, também da Lisboa ribeirinha os alfacinhas e os numerosos visitantes que da provincia se deslocaram à capital para estarem presentes à inauguração da ponte sobre o Tejo, também da cidade ribeirinha, diziamos nós, que se estende do Terreiro do Paço, pela Avenida das Naus e Riberla, milhares de pessoas, logo que a noite começou a descer foram ocupando os locais onde melhor pudessem observar o grandioso espectáculo.

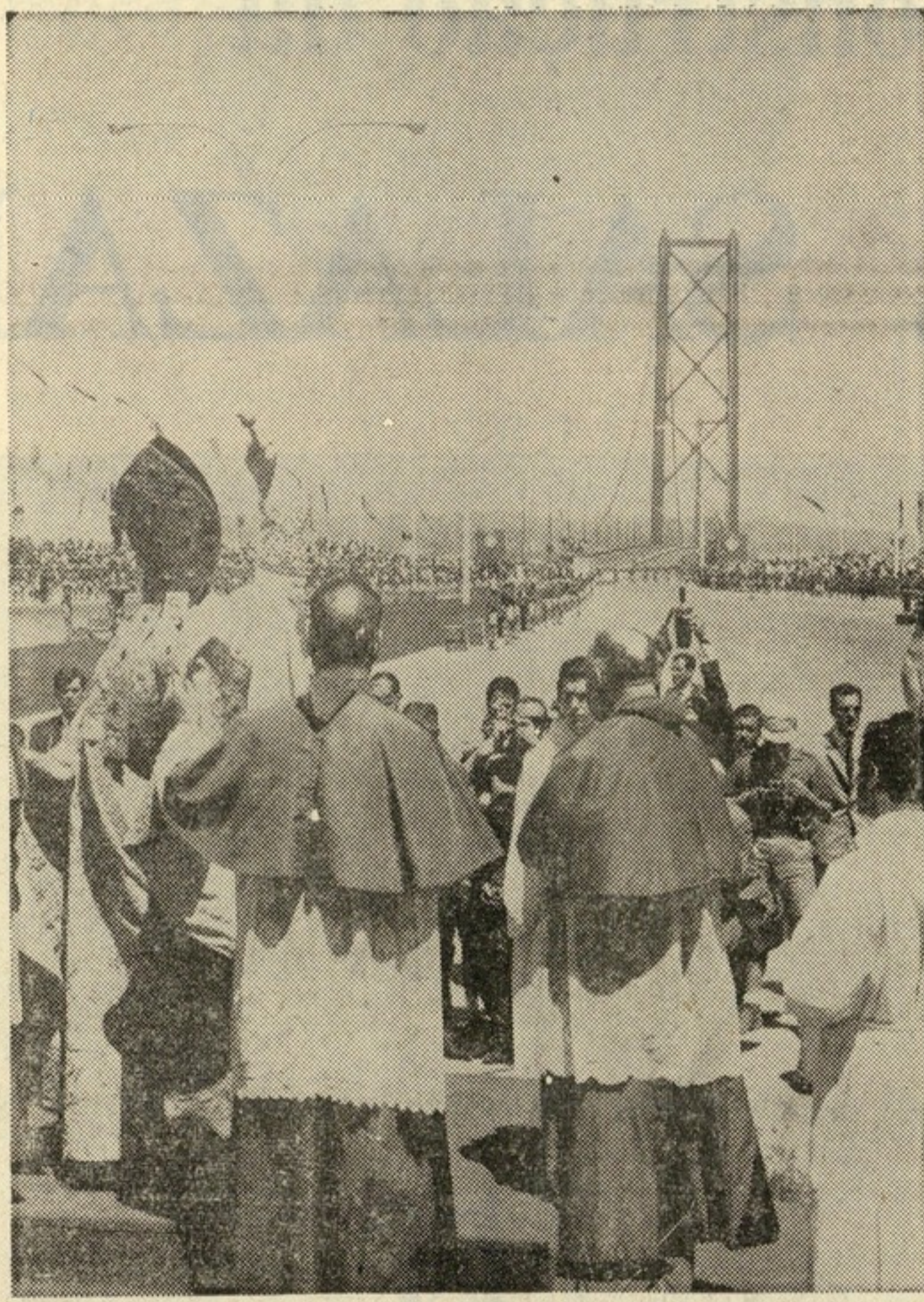
Era precisamente meia-noite e tinha quando a sessão começou

prolongando-se até a uma hora e tal da madrugada. O Chefe do Estado e os Presidentes do Conselho e da Câmara Corporativa observaram o fogo de artifício de uma das sacadas do Museu das Janelas Verdes.

VIOLENTAS MANIFESTAÇÕES DOS OPERÁRIOS SIDERÚRGICOS NA UNIÃO INDIANA

CALCUTA, 6 — A Polícia indiana lançou granadas de gás lacrimogénico e disparou sobre uma multidão de operários siderúrgicos que se manifestavam, hoje, em Durgapur, 240 quilómetros a norte de Calcutá. Houve dois mortos, segundo as primeiras notícias.

Foi o segundo dia de manifestações violentas naquela comunidade, onde os motins foram desencadeados pela recusa da gerência da Siderúrgica Nacional em atender os insistentes pedidos formulados pelos empregados para aumento de salário e melhoria das condições de trabalho. — ANI.



O MOMENTO DA BENÇÃO



O CHEFE DO ESTADO, COM O PRESIDENTE DO CONSELHO E O CARDEAL-PATRIARCA NOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA

UMA MEDALHA DE OURO comemorativa da visita do Prof. Dr. OLIVEIRA SALAZAR ao Município de Lisboa

oferecida aos Chefes do Estado e do Governo e ao Cardeal-Patriarca na recepção nos Paços do Concelho em que participaram mil convidados

uniforme, o secretário da Presidência do Município, o Chefe do Estado e senhora de Franca Borges; a senhora de Américo Thomaz e o presidente da edilidade; a comitiva do Presidente da República e os vereadores Correira e Eng.º D. Segismundo Salazar.

Logo que o cortejo atingiu o atril da Orquestra de Câmara da Emissora



O POVO FESTEJOU ALEGREMENTE A ABERTURA DA PONTE

Cerca de mil pessoas participaram na recepção oferecida à noite pelo Município de Lisboa nos Paços do Concelho.

Os convidados foram recebidos pelo presidente e vice-presidente do Município, vereadores e esposas.

Pouco depois das 21 horas começaram a chegar os primeiros convidados; membros do Corpo Diplomático que se dirigiram para a Sala Rosa Araújo e membros do Governo e outras autoridades que deram entrada no gabinete do presidente da edilidade.

Após o cumprimento do Chefe do Estado e do Presidente da República, o Prof. Dr. Oliveira Salazar chegou às 21 e 30, sendo recebido, pelo General Franca Borges e, após a apresentação de cumprimentos, subiu a escadaria e dirigiu-se ao gabinete do presidente da Câmara.

As 21 e 45 chegou o Cardeal-Patriarca que era aguardado pelo General Franca Borges e esposa, pelo vice-presidente do Município, Aníbal David e pelo vereador Dr. Ginja Brandão. Acompanhavam-nos as suas famílias e o Arcebispo de Mitilene.

Já ali haviam chegado, entretanto os presidentes da Assembleia Nacional, Câmara Corporativa e Supremo Tribunal de Justiça, Procurador Geral da República, membros do Governo e do Corpo Diplomático, assim como os hóspedes especiais da Câmara Municipal e outras altas personalidades, entre as quais governadores das provincias ultramarinas, governadores civis, presidentes de Câmaras Municipais e as figuras de maior projecção na vida portuguesa.

O Presidente da República chegou às 22 horas, acompanhado de sua esposa e filhas e de todos os elementos das suas Casas Militar e Civil.

Após os cumprimentos o Chefe do Estado passou revista à guarda de honra formada por um batalhão de Infantaria da G. N. R.

Seguidamente formou-se o cortejo dos Cavaleiros, Dr. Repolho de chegada em que figuraram o arauto, dois continos em grande

Nacional tocou os acordes do Hino Nacional.

No gabinete do General Franca Borges houve, então, uma breve troca de cumprimentos e o Presidente do Conselho assinou o livro de honra da cidade.

O General Franca Borges entregou ao Chefe do Estado, e ao Prof. Dr. Oliveira Salazar a Medalha da Cidade e agradeceu com motivos lisboetas.

Fimada esta cerimónia o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho e o Cardeal-Patriarca dirigiram-se para a Sala Rosa Araújo onde receberam os cumprimentos do Corpo Diplomático e de outras altas autoridades.

O presidente da Câmara fez, então, a entrega da Medalha de Ouro Comemorativa do 40.º Aniversário da Revolução Nacional, e da visita do Prof. Dr. Oliveira Salazar aos Paços do Concelho, a autoria do escultor Leão Henriques aos Presidentes da República e do Conselho e ao Cardeal-Patriarca.

Aos restantes convidados ofereceram-se colecções de gravuras sobre Lisboa. A referida medalha reproduz, no avverso a efígie de Salazar com a legenda «40.º Aniversário da Revolução Nacional», e, no reverso, a caravela das armas da cidade com a legenda «Visita de Salazar aos Paços do Concelho — 6-8-1966».

Então todos os presentes se dirigiram para o salão nobre, onde se exibiu durante cinco minutos, um conjunto de «ballets», seguido de outras manifestações culturais.

As 23 e 30 iniciou-se a ceia e, saída, foram oferecidas lembranças aos convidados; às senhoras ramos de flores e, aos homens, exemplares da medalha de cobre comemorativa e «plaqueta» do poema «Lisboa», e piessamente escrito para a cerimónia por Mons. Moreira das Neves.

Na manifestação cultural Manuela Varela Cid exibiu-se a estrofa: Ana Paula recitou o poema «Lisboa». Também participou nesta sessão a harpista portuense Henriqueta Anctet e Sousa e a cantora Duice Brita.



TODA A CIDADE ESTEVE EM FESTA DURANTE O DIA E PELA NOITE FORA



OS PRESIDENTES DA REPUBLICA E DO CONSELHO NA RECEPÇÃO OFERECIDA OFERECIDA PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA